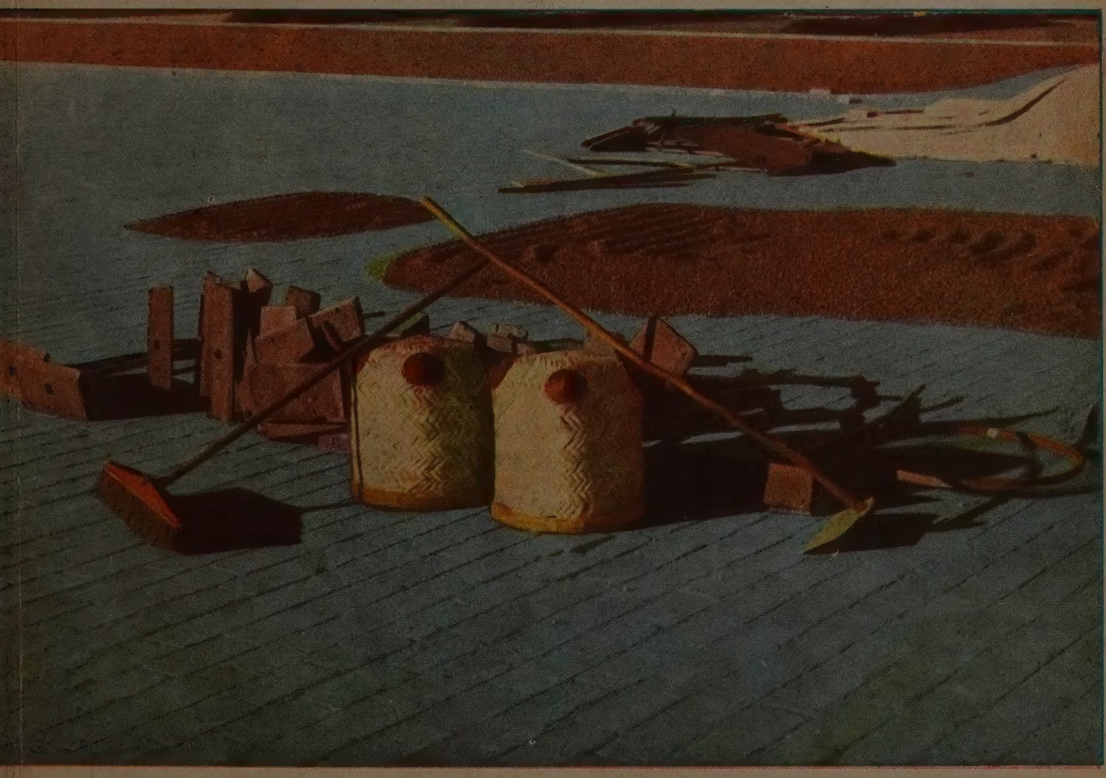
BOLETIM DA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

SECRETARIA DA FAZENDA
SÃO PAULO BRASIL



ANO XX • NOVEMBRO DE 1945 • N.º 225

(Comissão de Propaganda do Reflorestamento — Campinas Estado de São Paulo).

A CABREÚVA

"Notas Agrícolas" — 1934

Falar das essências lenhosas indígenas mais úteis e belas já se tornou supérfluo, porque poucas são ainda aquelas que podem ser conseguidas em quantidades suficientes para dar fortuna e, infelizmente, é isso que mais interessa à maioria de nossa gente. Todavia torna-se necessário apontar algumas e descrever suas vantagens, para que os menos utilitários possam orientar-se e escolher o que mais convenha perpetuar, para alegria e confôrto dos pósteros.

Das madeiras de São Paulo a "Cabreúva", que também recebe os nomes de "Óleo Pardo", "Caborehíba", "Cabriúna", "Cabiúva", "Cabriuva" e outros e de que são distinguidas duas espécies botânicas, a saber "Myrocarpos frondosus", Alemão, e "Myroc. fastigiatus", Alemão, — descobertas, como vemos, por Freire Alemão, que fez belos trabalhos de botânica por volta de 1840-1850, — é uma das mais preciosas para tôdas as obras de marcenaria pesada e carpintaria.

Ambas as espécies que fornecem a madeira em questão, crescem nos Estados do Rio de Janeiro, São Paulo e Minas e caracterizam-se pelo seu belo porte de 30-50 metros de altura, tronco de dez a doze metros, ramos sempre mais ou menos ascendentes e pouco divaricados, fôlhas pinadas com 5-9 foliolos alternos, pellucido — punctilhados, na primeira ovais, acuminados e na segunda oval elípticos, geralmente obtusos, frutos leguminosos, chatos, estreitamente alados, com uma raramente duas sementes longas. As flores ficam dispostas em panículas compostas de racimos, têm petalas estreitas, quasi lineares voltadas sôbre o calice e estames insertos, com anteras curtas com duas bolsas.

Afirmam que "Cabreúva" é corruptela de "Caboré" — corujazinha e "Yba" fruto ou árvore. Donde se pode concluir que o nome indígena deveria significar, talvez, árvore do caboré.

O duramen ou cerne da "Cabreúva" é de côr amarelo pardo-escuro ou vermelho mais carregado com manchas claras no sentido vertical. O cheiro da madeira é agradável e sua consistência muito grande. O peso específico registrado pelos vários autores varia entre 961 a 1 027 e sua resistência ao esmagamento perpendicular às fibras é indicado como sendo de 449-758.

Os seus empregos na carpintaria são múltiplos graças à sua grande duração que é devida ao óleo que encerra. Utilizam-na para vigamentos, esteios, pinos de rodas, pranchões para pontes e dormentes. Na marcenaria é muito estimada para portas externas de grande luxo e resistência, para móveis de sala de jantar, mesas e escrivaninhas, bancos de igreja, assoalhos, revestimentos de paredes, porteiras, bengalas, estantes, armários, eixos de carros, cilíndros para moendas e prensas, cabos de ferramentas, especialmente plâinas, garlopas etc..

(Continua na 3.ª pag. da capa)

Boletim da Superintendência dos Serviços do Café

(Publicado em continuação à "Revista do Instituto de Café")

Secretaria da Fazenda do Estado de São Paulo

Redator-Chefe: J. TESTA

Séde: Largo da Misericórdia, 24

Ano XX	NOVEMBRO DE 1945	Número 225

Sumário

COLABORAÇÃO:

Retrospecto mensal do mercado de café em Santos. Outubro de 1945.

Culturas subsidiárias na Fazenda de café. — A cultura da mamoneira.

Pedro Teixeira Mendes.

O café visto dos Estados Unidos. — *J. C. Mello.*

Relatório de uma Viagem de Estudos sôbre a Lavoura Cafeeira dos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo.

J. E. T. Mendes, C. A. Krug e J. Bergamin.

ESTATÍSTICAS:

Comunicamos aos interessados que esta Superintendência está distribuindo as publicações abaixo mencionadas, as quais podem ser enviadas aos que as solicitarem.

SEPARATAS :

A Fabricação de Carvão na Fazenda de Café — (esgotada)

O Controle à Erosão nos cafèzais Sulcos e Cordões em Contôrno — Hélio Viégas de Camargo Bittencourt

Técnica das Adubações — A. Menezes Sobrinho.

O mais edificante exemplo de restauração de cafèzal velho e decadente que já vi — Rogério de Camargo.

O "Cheiro do Mato" (Sombreamento do Cafeeiro) — Adalberto de Queiroz Teles Junior.

Economia Cafeeira — A. Menezes Sobrinho.

Adubação verde para cafèzais — J. E. Teixeira Mendes

Da secagem mecânica do café — Rogério de Camargo

Culturas Acessórias na Fazenda de Café :

I — Feijão soja, fácil fonte de proteína — N. A. Neme

II — O Milho — G. P. Viégas

III — Arroz — Alimento básico tropical — H. S. Miranda

RELAÇÃO DOS CAFEICULTORES DO ESTADO DE SÃO PAULO :

PRIMEIRO VOLUME — (esgotado)

SEGUNDO VOLUME : Municípios de : Avanhandava, Barretos, Cabreuva, Caçapava, Caconde, Campinas, Cedral, Cravinhos, Franca, Guará, Guaratinguetá, Ibitinga, Igarapava, Indaiatuba, Itirapina, Ituverava, Jacarei, Jambeiro, Jardinópolis, Jaú, Limeira, Mococa, Mogi Mirim, Monte Alto Pindamonhangaba, Pindorama, Ribeirão Bonito, Rio Claro, Santa Adélia, São José do Rio Pardo, Taquaritinga, Tietê.

TERCEIRO VOLUME : Municípios de : Andradina, Botucatu, Catanduva, Fernando Prestes, Guaira, Guariba, Iacanga, Ibirá, Itápolis, Itu, Jaboticabal, Joanópolis, Jundiaí, Leme, Lindóia, Matão, Mineiros, Mogí Guassú, Nuporanga, Olímpia, Orlandia, Paulo de Faria, Pederneiras, Pedregulho, Pereira Barreto, Pinhal, Piracaia, Pirassununga, Pôrto Ferreira, Ribeirão Preto, Rio Preto, São Carlos, São José dos Campos, Serra Azul, Socorro, Tabapuã, Tabatinga, Taubaté, Torrinha, Tremembé, Vargem Grande, Viradouro.

QUARTO VOLUME : Municípios de : Araçatuba, Bela Vista, Birigui, Candido Mota, Guararapes, Maracai, Novo Horizonte, Palmital, Paraguassu, Penápolis, Presidente Bernardes, Presidente Venceslau, Promissão, Quatá, Rancharia, São Pedro do Turvo, Tanabi. Valparaizo.

QUINTO VOLUME : Municípios de : Assis, Avaré, Ayaí, Cerqueira Cesar, Coroados, Dois Corregos, Dourado, Fartura, Gália, Garça, Ipaussu, Itajubi, Leme, Marilia, Mirassol, Óleo, Ourinhos, Piraju, Pompéia, Regente Feijó, Salto Grande, Santa Barbara do Rio Pardo, Santa Cruz do Rio Pardo, Santo Anastácio, São Carlos e Torrinha.

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DA S. S. C. — 1937 - 1938 - 1939 (esgotado) 1940 - 1941 - 1942 - 1943 - 1944.

De acôrdo com uma praxe geralmente adotada, êste Boletim não se responsabiliza pelos conceitos emitidos em artigos de colaboração, ou transcritos de outras publicações.

Colaboração

PEDIMOS AVISAR QUALQUER ALTERAÇÃO DE ENDERÊÇO

Retrospecto mensal do mercado de café em Santos

(Especial para o Boletim da S. S. C.)
— Panameuro —

OUTUBRO DE 1945

O inicio das atividades do mercado, no mês de Outubro, foi a continuação da firmeza que o vinha caracterizando nos últimos dias do mês p/ passado.

Os embarques de exportação atingiram 1.256.198 sacas, resultado considerado bom.

Os exportadores continuaram ativos, classificando com bastante interesse, ofertando em bases boas, principalmente para as qualidades finas, as mais procuradas.

O mercado de entregas diretas funcionou bem estável, tendo suas bases melhoradas e passando a ser as seguintes. :

Outubro	Cr. $61,00 por 10 quilos
Outubro á Dezembro	Cr. $62,00 por 10 quilos
Janeiro á Junho de 1946	Cr. $64,00 por 10 quilos
Julho á Dezembro de 1946	Cr. $64,50 por 10 quilos
Janeiro á Junho de 1947	Cr. $64,00 por 10 quilos

Os conhecimentos de cafés embarcados também tiveram compradores em bases que variaram de 380 á 390 cruzeiros por saca.

Os vendedores mantiveram-se otimistas quanto aos preços, sendo aguardada por êles, modificações nos preços máximos americanos. Diante dessa expectativa, o mercado de disponível foi trabalhado com bom aspecto, com procura por parte dos Exportadores que classificaram e ofertaram para tôdas as qualidades, principalmente para os cafés de bebida, que foram os mais disputados.

No meado do mês, diversos fatores fizeram com que o mercado acalmasse, sendo no disponível, a falta de ordens dos centros de consumo.

Não havendo ainda, nada resolvido sobre a modificação dos preços máximos, era natural que o mercado sofresse essas oscilações, movimentando-se ou acalmando-se de acôrdo com ordens de compra dos centros importadores e também com as notícias Pró ou Contra o andamento do pedido de modificações dos "Ceilings".

Nessas condições, o disponível passou também a trabalhar calmo e o mesmo sucedeu ao mercado de entregas, cujas cotações em meados de Outubro eram as seguimtes.

Outubro	Cr. $61,50 por 10 quilos
Outubro á Dezembro	Cr. $61,50 por 10 quilos
Janeiro á Junho	Cr. $63,50 por 10 quilos
Julho á Dezembro	Cr. $63,50 por 10 quilos

Com a publicação feita pela Junta Inter-americana do Café, foi resolvido o total da importação no período de um ano, a contar de Outubro de 1944 á Setembro de 1945.

Essa notícia, sem duvida auspiciosa, demonstrava que as remessas de Rubiacea atingiram a maior quóta de importação feita pelos Estados Unidos, num total de 21.459.879 sacos, sendo que, do Brasil 12.070.457 sacos.

Pelo exposto, verifica-se que a indústria cafeeira na América do Norte, continuava a oferecer boas expectativas para o nosso país, restando portanto aos nossos dirigentes, estreitos entendimentos com os nossos compradores, afim de que não fossem colocados entraves nas importações de café, para que, dentro da oferta e da procura pudessem os interessados dos dois Países desenvolveram as atividades comerciais.

Nas proximidades do fim do mês, o mercado ainda não havia retornado ao ritmo dos primeiros dias de Outubro.

Como tôda a mercadoria, o café necessita de crédito Bancario para expansão dos negócios.

Atualmente os bancos, não só da Praça de Santos como da Capital e interior, suspenderam essas operações, dando motivo para que também parassem as transações de compras futuras, de conhecimentos de cafés embarcados, etc..

O mercado de disponível manteve-se Calmo com poucos negócios, e êstes mesmos para qualidades finas de bebida.

Os demais tipos e qualidades, principalmente o chamado Zona da Mata, não tiveram aplicação.

Os embarques não estavam em escala animadora, êste mês, pois, até o dia 25, sòmente haviam sido embarcadas pouco mais de 500.000 sacas.

Muita compra feita para a Holanda, Bélgica e países escandinavos, compras essas feitas há alguns mêses, permaneciam aguardando transporte para aqueles portos.

A dificuldades de navios era a razão de continuarem armazenados em Santos, cafés que já poderiam estar entregues ao consumo, dando lugar as novas transações.

Enquanto o mercado de Disponível funcionava calmo, o de entregas diretas movimentava-se em escala ascendente, passando a trabalhar firme, embora com poucos negócios.

As cotações em fins de Outubro eram as seguintes:

Outubro	Cr. $62,50 por 10 quilos
Novembro á Dezembro	Cr. $63,00 por 10 quilos
Janeiro á Junho de 1946	Cr. $65,50 por 10 quilos
Julho á Dezembro de 1946	Cr. $66,00 por 10 quilos
Janeiro á Junho de 1947	Cr. $67,00 por 10 quilos

Essa firmeza do mercado de entregas diretas, foi mais acentuada ainda ao finalizar o mês, havendo melhoria de um cruzeiro nas cotações

O mercado de Disponível movimentou-se mais para cafés de tipo alto e bebida, cujas qualidades foram procuradas pelos exportadores.

Os cafés de tipos e qualidade inferiores ainda conservaram-se calmos, principalmente os cafés de bebida Rio e Zona da Mata.

O Movimento estatístico do mês foi o seguinte:

Entradas	1.185.061	Sacas
Entradas desde 1.º de Julho	3.524.614	„
Embarques	788.572	„
Embarques desde 1.º de Julho	4.482.617	„
Existência em 31/10/1945	3.239.558	„

Segundo o Sindicato dos Corretores de Café de Santos foram feitos e registrados os seguintes negócios.

CAFÉ DISPONÍVEL

Durante o mês	845.315	Sacas
Desde 1.º de Julho	3.451.204	„

CAFÉS EM CONHECIMENTO OU POR EMBARCAR

Durante o mês	85.028	„
Desde 1.º de Julho	746.509	„

CAFÉS A FATURAR NA CHEGADA

Durante o mês	135.416	„
Desde 1.º de Julho	266.739	„

ENTREGAS DIRÉTAS

Durante o mês	862.250	„
Desde 1.º de Janeiro	5.409.750	„

Da boa seca depende um BOM CAFE', aromático e de bom paladar.

O CAFÉ FINO SE IMPÕE NO MERCADO CONSUMIDOR

CULTURAS SUBSIDIÁRIAS NA FAZENDA DE CAFE'

I

A CULTURA DA MAMONEIRA

Pedro Teixeira Mendes

* * *

CONSIDERAÇÕES GERAIS — Evoluiu bastante, de tempos para cá, o conceito "fazenda de café" : não mais é aceitável a existência de propriedades agrícolas nas quais o lavrador se dedique única e exclusivamente a uma cultura, mesmo quando essa cultura seja a do café que, a-pesar-de tôdas as vicissitudes por que tem passado é, ainda hoje, o esteio mestre da economia paulista. Ao contrário, a tendência atual é a da diversificação da lavoura, mantendo-se sempre, entretanto, uma principal, mais intensa ou extensa, na qual se baseia todo o plano de exploração da terra.

Uma fazenda de café, moderna, explora também outras culturas e, ao mesmo tempo, a criação do gado ; esta é levada a efeito tendo em mira não sòmente a exploração em si, como a obtenção por um meio econômico, do estêrco necessário às adubações para manutenção ou restauração dos cafèzais. Sob êste ponto de vista as culturas subsidiárias contribuem também para a obtenção de elementos para a formação de "compostos", por vários processos.

As culturas subsidiárias contribuem ainda para a fixação nas fazendas, dos colonos : dando-se a êles estas culturas, em parceria, promove-se um meio de fixá-los pelo interêsse que êste sistema sempre lhes desperta. Tem-se assim um quadro completo da exploração cafeeira, onde a criação do gado e as culturas subsidiárias são complementares e indispensáveis, ao mesmo tempo em que contribuem para a solução do problema da colonização.

Entre as culturas subsidiárias, parece-nos apresentar grande interêsse, a da mamoneira, oleaginosa que se vem difundindo cada vez mais em nosso meio, não sòmente devido ao fato de deixar boa margem de lucro, como também em vista da procura existente no mercado exterior que, dia a dia, se avoluma. Êste aumento de consumo é acentuado ainda pelos novos usos que o óleo vem tendo, quando

> A cultura da mamoneira é mais uma fonte de renda nas fazendas bem organizadas

submetido a novas técnicas, permitindo o seu emprêgo não sòmente para fins medicinais, como lubrificantes, etc., mas também como óleo secativo na indústria de tintas e vernizes.

A mamoneira, de cultura altamente econômica hoje, era considerada como praga há até bem pouco tempo, por muitos dos nossos lavradores ; em S. Paulo, de alguns anos para cá, a sua cultura se vem desenvolvendo e agora o Brasil é o

principal exportador dessa oleaginosa, tendo mesmo superado a própria Índia, antiga detentora da maioria dos mercados. Entretanto, para que se obtenha bons resultados nesta exploração, necessário se torna que os plantadores tratem com o devido cuidado da uniformização de sua produção, valendo-se das sementes que as repartições oficiais distribuem e seguindo as instruções que as mesmas fornecem.

As repartições oficiais teem estudado cuidadosamente os vários aspectos da cultura, procurando resolver seus vários problemas, quer sejam relativos à técnica de campo, quer os que se relacionam com a produção de sementes selecionadas e quer ainda os que dizem respeito à classificação comercial do produto.

Da mesma forma que as culturas acessórias, a da mamoneira, subsidiária da do cafeeiro, em hipótese alguma deve ser feita em consociação com esta. Sôbre ser a mamoneira um concorrente voraz do cafeeiro, as suas sementes fàcilmente

> Cultivar a mamoneira por entre as ruas dos cafezais é prática que precisa ser abandonada.

poderão ser misturadas com as do café conferindo-lhe, durante o processo do preparo, um gôsto característico, por todos os motivos indesejável.

Em nossas zonas cafeeiras esta prática está bastante difundida e, por isso, julgamos oportuno salientar êste ponto, concitando os lavradores de café a não permitirem, em seus cafèzais, o plantio da mamoneira ; esta, deve sempre ser cultivada em terrenos livres, em rotação ou mesmo consociação com outras culturas, que não a do café.

INSTRUÇÕES BÁSICAS PARA A CULTURA DA MAMONEIRA

1 — Clima

A mamoneira tem a sua origem provàvelmente em terras da África, talvez na Abissínia ; entretanto, a sua distribuição geográfica é hoje bastante ampla, podendo-se dizer que, de u'a maneira geral, é cultivada em tôdas as regiões quentes ou temperadas do mundo.

Para que as plantas se desenvolvam normalmente e possam produzir de forma econômica, é preciso que haja calor e umidade em quantidades suficientes e distribuidas pelo ciclo vegetativo, de forma conveniente. A regularidade das chuvas no início da vegetação e no desenvolvimento das plantas, é fator que em muito contribui para o sucesso da cultura ; ao se iniciar o período de maturação dos frutos as chuvas deverão ser mais espaçadas, o que permitirá períodos secos convenientes ao processo final e para as colheitas, que se efetuam por várias vêzes.

Sendo a regularidade do clima condição para sucesso da cultura, devem ser evitadas as zonas onde se verificam grandes variações ou variações bruscas.

A falta das chuvas poderia, de alguma forma, ser corrigida pela prática da irrigação ; êste processo entretanto, em nosso meio, não é ainda econômico. Quando isto for viável, é preciso que se tomem os cuidados necessários a fim de que o terreno não fique encharcado por um período longo.

Os períodos de sêcas prolongadas após a germinação, são sempre perigosos, ocasionando não sòmente a irregularidade do desenvolvimento, como também, em muitos casos, a morte das plantas ainda não completamente desenvolvidas.

As faces sujeitas a ventos fortes e persistentes devem ser evitadas. Os climas mais frios, não são propícios à cultura e, assim, esta não deve ser feita nestas condições, o que resultaria numa baixa produtividade e conseqüente fracasso econômico.

FOTO 1 — Cultura da mamoneira anã na Estação Experimental de Jaú.

2 — Solos

A mamoneira tem sido considerada, mesmo por aquêles lavradores posssuidores de grande tino e prática, como cultura pouco exigente, não necessitando de terras boas. É um perfeito engano. A mamoneira é exigente quanto às qualidades do terreno e, ainda mais, é esgotante, retirando do solo apreciáveis quantidades de elementos, não sòmente das camadas superficiais, como também das mais profundas, em vista do seu sistema radicular se distribuir por um amplo cubo de terra. Esta faculdade de esgotar a terra é, aliás, comum a quase tôdas as plantas produtoras de sementes oleaginosas.

É verdade que se encontra a mamoneira vegetando nos mais variados tipos de solos, desde os mais ricos aos mais pobres. Entretanto, o seu maior desenvolvimento e produtividade são conseqüências das maiores ou menores quantidades de elementos nutritivos que estejam à sua disposição no terreno. A cultura não poderá ser remuneradora quando feita em terras pobres.

Para a mamoneira, os terrenos melhores são aquêles férteis, tendo disponibilidades de matéria orgânica, frescos e bem drenados.

Os solos profundos e permeáveis permitem melhor exploração pelas raízes, o que resulta em maior produtividade. Os solos secos, como os muito úmidos, não devem ser aproveitados, assim como aquêles em que haja muita pedra ou afloramento de rochas.

As terras marginais dos rios e as baixadas são muito próprias à cultura, desde que não apresentem os inconvenientes acima apontados e que não estejam sujeitas às geadas extemporâneas; da mesma forma, as encostas de pouca declividade podem ser aproveitadas.

As terras excessivamente ricas em húmus apresentam o inconveniente de proporcionarem às plantas uma vegetação luxuriante, o que nem sempre é aconselhável, considerando-se a dificuldade da colheita de plantas muito altas e que nem sempre existe correlação positiva entre o desenvolvimento vegetativo das plantas e a sua produtividade. Não se pode desaconselhar formalmente o emprêgo de solos medianamente férteis; nestes, desde que as condições de clima sejam boas, conseguem-se ainda produções satisfatórias e remuneradoras.

Com relação à exposição, aconselha-se aquêles solos em que haja a maior insolação possível. Desta forma, são desaconselháveis as encostas de declividade muito acentuada, que permanecem sombreadas durante uma parte grande do dia.

Preparo do terreno — O preparo cuidadoso do solo é um fator de que muito dependem os resultados da cultura; após uma aração realizada ao finalizar-se a cultura do ano anterior, outra aração se faz antes de se iniciar a nova cultura. Esta aração deverá ser profunda, permitindo um revolvimento de espêssa camada do solo, pois as raízes das mamoneiras são longas e penetram muito no terreno, tanto em profundidade como em extensão.

Quanto melhor arado fôr o terreno, maiores facilidades encontrarão as raízes para se desenvolverem, o que muito contribuirá para um perfeito crescimento da parte aérea.

O trabalho do arado deverá ser completado por gradeações, o que permitirá que as sementes germinem com maior facilidade.

Combate à erosão — Grande parte das terras de cultura de nosso Estado sofre o efeito perigoso da erosão, devido ao descaso até agora demonstrado pelos nossos lavradores que não querem ver, nas enxurradas, um dreno constante de suas economias. Como para qualquer outra cultura, impõe-se também para a da mamoneira, a aplicação de medidas capazes de, pelo menos, atenuar os efeitos da erosão.

O plantio em linhas de nível, cortando as águas, é bastante eficiente.

Ao se tratar do combate à erosão, é aconselhável que cada lavrador tenha, para sua propriedade, um plano completo de defesa, no qual, a forma de plantio é um elemento ; as repartições oficiais do Estado auxiliam aquêles que o queiram, na elaboração dêsse plano.

Adubações — A mamoneira, como já se disse, é exigente e esgotante e, dessa forma, é preferível sempre que se escolham terrenos férteis para a sua cultura.

Para um bom desenvolvimento, é indispensável a presença de certa quantidade de azoto, que poderá ser adicionado por meio dos adubos orgânicos ou mesmo sob a forma de adubações químicas ; o cálcio, o fósforo, o potássio são também necessários devendo, portanto, as adubações ser feitas de forma mais ou menos completa. As fórmulas deverão variar, evidentemente, de acôrdo com o terreno para que são destinadas. O fator econômico, isto é, a capacidade do aumento de produção obtido pela adubação compensar satisfatòriamente, deverá ser levado na mais alta linha de conta. Ao iniciar uma cultura, recomenda-se ao lavrador que consulte sôbre êste assunto o Agrônomo Regional ou que se dirija diretamente ao Instituto Agronômico, em Campinas.

3 — Rotação e consociação de culturas

A rotação de cultura é de vantagens indiscutíveis e a sua prática deve fazer parte da rotina de qualquer fazenda.

Uma vez cultivado com a mamoneira por dois anos, deverá o terreno ser aproveitado para outra cultura. O ideal seria, durante o ano seguinte, plantar um adubo verde como a mucuna, o feijão de porco, etc., recompondo assim parte dos elementos que foram retirados e melhorando as propriedades físicas, pela incorporação de matéria orgânica. Se isto não se fizer, poderá ser plantado o algodoeiro. A mamoneira é muito pouco sujeita a moléstias e pragas e, pràticamente não se conhece qualquer que seja comum a ela e ao algodoeiro. Desta forma, a cultura da mamoneira se apresenta como um meio indireto de controlar algumas pragas do algodoeiro. Assim, pois, aconselha-se esta cultura como muito indicada para rotação com a da mamoneira.

A consociação de outras culturas com a da mamoneira, é viável em determinados casos. Assim, podem ser aproveitados para esta, os terrenos onde estão sendo plantados eucalíptos, isto, naturalmente, durante o primeiro ano, o que permitirá uma certa proteção às mudinhas recem-transplantadas, ao mesmo tempo em que se obtem um acréscimo da renda do terreno. Da mesma forma, pode-se semear feijão, no mínimo com dois meses de antecedência sôbre a semeadura da mamoneira; isto permitirá a colheita do feijão antes que o sombreamento causado pelas mamoneiras possa prejudicar.

Aqui, convém mais uma vez lembrar que a prática da cultura das mamoneiras por entre as linhas, nos cafèzais, não é, em nossa opinião, de forma alguma aconselhável : a mamoneira constituirá um concorrente do cafeeiro, ao mesmo tempo em que haverá o inconveniente da mistura de suas sementes com as do cafeeiro, constituindo, assim, sério defeito para o nosso principal produto.

4 — Variedades

Um dos pontos capitais na cultura das mamoneiras, é a escolha criteriosa da variedade a semear. Uma grande parte dos fracassos verificados com a cultura dessa oleaginosa tem a sua origem na escolha de uma variedade imprópria ou má

qualidade das sementes empregadas. Quando houver dúvidas, deverão os lavradores consultar os técnicos da Secretaria da Agricultura, que estão aptos a prestar as informações desejadas e mesmo orientar sôbre a compra das sementes, que poderão ser adquiridas por intermédio das Casas da Lavoura, nas várias cidades.

A escolha de uma boa variedade
é fator de êxito na cultura.

No segundo ano de plantação o lavrador poderá utilizar-se das sementes produzidas em sua própria cultura no ano anterior, obtidas de plantas escolhidas, produtivas e sãs.

Há um grande número de variedades e tipos de mamoneiras. Entretanto, sòmente aquelas incluidas na classificação "de porte anão", apresentam a maior soma de qualidades e vantagens. São de todo desaconselháveis as variedades de porte alto.

5 — Semeação

Épocas — O plantio da mamoneira deve ser feito tão cedo quanto possível, isto é, logo ao se iniciarem as chuvas. A mamoneira poderá ser semeada quando iniciadas as chuvas, desde a primeira quinzena de Setembro, estando o terreno em condições. O plantio tarde sujeita muito a cultura à ação de sêcas eventuais no período de frutificação e maturação, com as suas naturais conseqüências.

Distâncias — As distâncias de plantação variam, para os tipos anões, de acôrdo com as qualidades da terra ; para os terrenos fracos ou médios, são boas as distâncias de 2,00m entre as linhas por 1,50m entre as plantas nas linhas ; para as terras mais férteis, onde provàvelmente haverá maior desenvolvimento, poder-se-á plantar a 2,00m em todos os sentidos.

Processos de semeação — A prática mais usual é a de se fazer a semeação a mão ; para isto, risca-se o terreno às distâncias convenientes, lançando-se três a quatro sementes na intersecção dos sulcos.

Pode-se fazer a semeação, também, por meio de semeadeiras convenientemente adaptadas. Entretanto, dadas as distâncias das plantas, parece que não há qualquer vantagem econômica nesta prática.

O emprego de 3 a 4 sementes por cova, é aconselhável, apesar do alto poder germinativo das sementes de mamona, isto porque é sempre mais conveniente fazer-se um desbaste, em época apropriada, que fazer-se replantas. Estas, no geral, produzem plantas atrasadas que difícilmente se igualarão com aquelas do primeiro plantio.

Colocadas as sementes no chão, são cobertas com uma leve camada de terra.

Quantidade de sementes — Para o plantio de um hectare, são suficientes 6 a 8 quilos de sementes o que corresponde a, aproximadamente, 15 a 20 quilos para um alqueire paulista (24.200 m²).

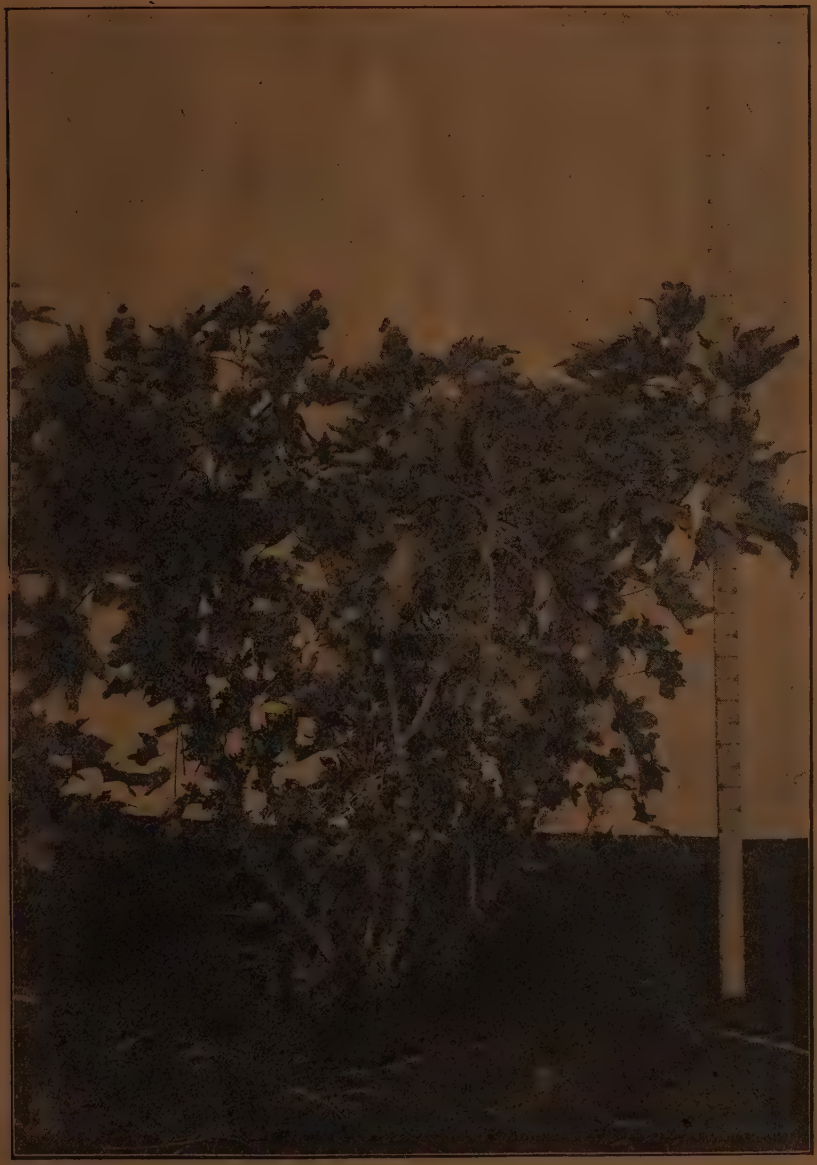


FOTO 2 — Planta da variedade anã n.º 38

6 — Tratos culturais

Mais ou menos uma semana após a semeação, tem início o processo de germinação. A maior ou menor rapidez desta, depende das condições de umidade do solo, e da profundidade a que foram colocadas as sementes.

Capinas — No primeiro período de vegetação deve-se ter o cuidado de evitar o desenvolvimento de ervas más que poderão prejudicar o seu desenvolvimento. Para a extirpação dessas ervas, pode-se usar o Planet que, com rapidez, limpa grandes áreas de terreno, completando-se o trabalho, ao redor das plantas, com enxada. Nas plantações menores a enxada sòzinha resolve bem o problema.

Desbaste — Quando as plantas atingem aproximadamente 30 cm de altura, faz-se um desbaste deixando-se apenas um planta por cova. Para esta operação, escolhe-se um dia depois de uma chuva, quando o terreno está ainda bastante úmido ; desta forma é fácil se evitar que a planta que deve permanecer, sofra um abalo prejudicial ao seu desenvolvimento.

Poda — É costume de alguns plantadores praticar a poda do brôto apical, quando as plantas atingem aproximadamente um metro de altura. Esta prática provoca maior ramificação, porém não influe de forma alguma na produtividade. Um maior número de ramos tem como conseqüência um maior número de pequenos cachos; êstes, porém, não compensam a perda do cacho principal que se obteria no brôto apical e que, via de regra, é o maior de todos, concentrando grande parte da produção.

Com relação à poda após o primeiro ano, as experiências não revelam qualquer vantagem para a produção do segundo ano. Aliás, a cultura nem sempre poderá ser feita por dois anos. Isto dependerá do estado geral da cultura após o término da primeira produção. Se o campo se apresentar ainda bastante viçoso, sem muitas plantas sêcas, com bom aspecto, deixa-se para o segundo ano e, neste, nestas condições, mesmo u'a menor produção é ainda econômica, devido a que as despesas são menores. Ao contrário se as condições gerais não forem boas, é preferível proceder-se ao arrancamento, semeando-se novamente.

7 — Moléstias e pragas

Poucas são as moléstias e pragas às quais as mamoneiras são suscetíveis. As plantas velhas, em decadência são freqüentemente atacadas por ácaros que, entretanto, pouco prejuizo causam, devido à época de sua incidência.

Mais comumente são encontradas as manchas das fôlhas, causadas por **Cercospora ricinella,** Sacc. e Berl. e por diversas bactérias ; em certos anos e determinadas épocas, pode haver grandes prejuizos quando aparece o "môfo cinzento" dos frutos, causado por um fungo do gênero **Botrytis ;** em algumas zonas do Estado, verifica-se, às vêzes, a existência de manchas causadas por fungos dos gêneros **Fusarium** e **Ceratostomella.**

8 — Frutificação e maturação. — Colheita

Inicia-se o florescimento e conseqüente frutificação, dois e meio a três meses após a germinação. A extensão do período de frutificação é importante em uma

boa variedade. Quanto mais curto for êste período, sem prejuizo da capacidade de produção, tanto menor número de colheitas parciais são efetuadas e, dessa forma, a operação torna-se menos dispendiosa.

Os frutos estão no ponto de colheita, quando se apresentam quase sêcos, de aspecto característico.

Procede-se à colheita quando os cachos apresentam 3/4 dos seus frutos já sêcos, prática esta que não apresenta qualquer inconveniente, pois os frutos ainda não completamente sêcos estão já maduros e terminarão a secagem no terreiro. Não se deve colhêr quando há maior porcentagem de frutos ainda não sêcos porquanto haverá então uma parte que não estará em condições de completar o processo no terreiro, em boas condições e, como resultado ter-se-á um produto inferior, com uma quantidade de óleo depreciada. Cultivando-se as variedades mais indicadas, cujos frutos são pràticamente indeiscentes no campo, não se justifica esta prática.

A colheita é feita cortando-se os cachos em sua base e fazendo-se desprender os frutos por meio de um garfo de madeira convenientemente adaptado ao bordo de um jacá comum de colheita. Os cachos podem ser levados inteiros para o terreiro : neste caso há uma certa vantagem durante o processo de secagem, isto é, formando um volume menos denso, há maior arejamento o que facilita a uniformidade da secagem. Por outro lado, há o inconveniente do encarecimento do transporte de um maior volume do campo para o terreiro, trabalho êste relativamente dispendioso. O primeiro processo apresenta também a vantagem de se deixar no campo os restos do cachos, em forma de devolução de matéria orgânica ao terreno.

9 — Secagem, benefício e acondicionamento

Praticada a colheita, os frutos são levados a completar a sua secagem no terreiro, sob a ação do sol. Para isso, estende-se o produto em camadas finas, de forma a haver maior superfície de exposição ; deve-se ter o cuidado de revolver a massa constantemente e, à tarde, amontoar, cobrindo com um encerado.

À medida que os frutos vão secando, muitas sementes vão sendo expelidas naturalmente.

Quando se trata de uma cultura maior, pode ser aconselhável o emprego de secadores mecânicos, que realizam um trabalho bem satisfatório, com a vantagem de poderem funcionar mesmo durante os dias de chuva e à noite. O benefício é completado, batendo-se com cuidado os frutos sêcos com uma vara bem flexível, como para o feijão ou então, com o emprego de máquinas descascadoras apropriadas. As máquinas de benefício, no geral dão sementes limpas quando possuem um sistema de separação e ventilação adequados. Quando o benefício é feito por meio de vara é necessário a abanação, que pode ser feita com as peneiras comuns ou, também, por meio de abanadores mecânicos.

A abanação deve ser muito bem feita, pois a pureza do produto é fator importante na sua classificação comercial. A presença de sementes quebradas ou chôchas, restos de galhos, fôlhas, pedras, etc., deprecia consideràvelmente o valor das sementes.

Uma vez limpas as sementes, resta ùnicamente o seu acondicionamento, que deve ser feito em sacos apropriados, não muito grandes, para evitar o seu rompimento pelo próprio peso. O comércio é feito sempre para produto ensacado e nunca a granel.

O armazenamento deve ser feito em lugar sêco e ventilado.

O Café visto dos Estados Unidos

J. C. Mello

A publicação "Coffee Statistics", editada pelo Pan-American Coffee Bureau, cujo 10.º número acaba de chegar aos nossos meios cafeeiros, contém numerosos e mui interessantes dados sôbre o movimento, consumo e produção de café, nos Estados Unidos e no mundo.

Antes de entrar, porém, na apreciação de vários detalhes divulgados por essa publicação, sôbre o café, queremos comentar o fato de que as importações desse produto, nos Estados Unidos, constituiram um recorde em 1945.

Realmente, informações recentes de New York nos trazem a notícia de que as importações de café pelos Estados Unidos, nesse ano, montaram a 20.279.069 sacas, procedentes de 14 paises latino-americanos. Essas cifras, que revelam um aumento de 904.300 sacas, ou 4,7% sôbre o ano anterior, constituem um recorde absoluto. As exportações do Brasil cresceram de 772.410 sacas, ou 7,1%. As de Salvador aumentaram de 7,3%, ou sejam 60.097 sacas. Guatemala exportou mais 85.424 sacas (12,1%). A República Dominicana aumentou consideràvelmente suas exportações, em 148.198 sacas, ou 118,2%.

Outros, todavia, registraram queda nas suas exportações para os Estados Unidos, como por exemplo : a Colômbia, que despachou para aquele país 304.290 sacas menos que no ano passado ; Cuba, que teve uma queda de 59.206 sacas ; e o México, que registrou um decréscimo de 60.614 sacas.

* * *

A produção média anual, de 1945/48, foi estimada, nos Estados Unidos, de acôrdo com dados obtidos em diversas fontes, e publicados por "Coffee Statistics", em 26.405.000 sacas, sendo 22.555.000 da América Latina e 3.850.000 das colônias européias. Quanto ao Brasil, êsse total foi avaliado em 13.000.000. A média que êsses mesmos cálculos estabeleceram como tendo sido a da produção brasileira, no quinquênio 1940/41 1944/45, é de 13.486.000 sacas, e no decênio de 1930/31 1939/40, de 22.571.000.

* * *

O consumo, nos Estados Unidos, está avaliado em 17.500.000 a 18.000.000 de sacos, média para os próximos três anos. O da Europa, post-guerra, estimam-no em 5.276.000, sendo que antes do conflito calculavam-no em 11.932, média das médias de cada país, no período 1930/38. Para as outras regiões do mundo o consumo médio anual, previsto, é o seguinte : Hemisfério ocidental (Argentina, Canadá, Chile, Uruguai, etc. — não incluídos os Estados Unidos — baseado nas exportações anualmente feitas pelos demais paises latino americanos, de 1941 a 44 inclusive) 1.156.000 ; África, Ásia, Oceânia (baseada a estimativa do consumo anual nas importações de 1930 a 38), 1.389.000.

* * *

Chega-se, dest'arte, a uma produção provável, para 1945/46, 1946/47 e 1947/48, de 26.405.000 sacas e um provável consumo de 25.821.000, donde um excesso de 584.000 sacas.

O excesso é, como se vê, pequeníssimo. Não dará para constituir estoques dez vêzes menores que os que costumavam vigorar, não nos tempos da superprodução mas nos tempos anteriores, de relativo equilíbrio entre a produção e o consumo. E isso na hipótese de não aumentar, mais ràpidamente que o previsto, o consumo europeu.

* * *

Os quadros relativos à produção média anual da América Latina e ao provável consumo médio, anual, da Europa, são bastante interessantes e não resistimos ao desejo de transcrevê-los para os nossos leitores:

MÉDIA ANUAL DA PRODUÇÃO DE CAFÉ NA AMÉRICA LATINA

PAÍSES PRODUTORES	ESTIMATIVA DA PRODUÇÃO LÍQUIDA EXPORTÁVEL, NO PERÍODO 1945/48	PRODUÇÃO DURANTE CINCO SAFRAS 1940/41 a 1944/45	PRODUÇÃO DURANTE DEZ SAFRAS 1930/31 a 1939/40
Brasil	**13 000 000**	**13 486 000 (1)**	**22 571 000 (1)**
Colômbia	5 000 000	5 313 000 (2)	3 960 000 (2)
Costa Rica	350 000	418 000 (2)	375 000 (3)
Cuba	— (4)	535 000 (2)	493 000 (2)
República Dominicana	250 000	431 000 (2)	352 000 (2)
Equador	200 000	237 000 (2)	195 000 (3)
El Salvador	950 000	905 000 (1)	995 000 (2)
Guatemala	850 000	903 000 (2)	853 000 (2)
Haití	400 000	361 000 (1)	462 000 (1)
Honduras	120 000	30 000 (3)	27 000 (3)
México	600 000	936 000 (2)	696 000 (2)
Nicarágua	200 000	217 000 (1)	243 000 (3)
Perú	35 000	77 000 (2)	43 000 (3)
Venezuela	600 000	700 000 (2)	969 000 (2)
Total	**22 555 000**	**24 549 000**	**32 234 000**

(1) — Produção exportável. (2) — Total da produção. Não existem cifras exatas de consumo local para o período. — (3) — De acôrdo com as exportações. Não existem cifras exatas da produção para o período. — (4) — De acôrdo com as informações recebidas de Cuba, aquele país não espera ter nenhum excesso exportável da colheita de seus cafés, para os próximos dois ou três anos, devido ao fato de o consumo local ter aumentado consideravelmente durante os anos passados e ter sido a produção afetada pelas sêcas extemporaneas. A produção total para 1945/46 não se espera que passe de **500 00 sacas**, comparadas com o consumo de café daquêle país que é de, mais ou menos, **550 000 sacas** anuais.

Enquanto as plantações estão lentamente recobrando sua produtividade, os excessos exportáveis da produção não são esperados para antes de dois ou três anos.

É impossível estimar, neste momento, quais as quantidades para exportação poderão ser, então, avaliáveis.

Da análise do 1.º quadro acima — o relativo à produção na América Latina — tiram-se interessantes conclusões. Uma delas é a de que o total da queda de produção, entre o decênio 1930/39 e o quinquênio 1940/44, foi de 7.685.000, mas, nesse mesmo tempo, a queda na produção brasileira foi de 9.085.000. Nessas condições, para que aquela redução fosse apenas de 7.685.000 foi necessário que houvesse

um aumento de 1.400.000 na produção dos outros países latino americanos, para compensar a queda brasileira. Êsse aumento, todavia, não se repartiu por todos êsses países. Houve, ao contrário, alguns que também experimentaram redução em suas colheitas, e entre êles o Salvador, o Haiti e a Venezuela. A Colômbia, que foi o que maior aumento experimentou, viu crescerem suas safras de 1.353.000 sacas, nesse período.

Para o triênio calculado de 1945 a 48, a produção brasileira foi prevista ainda em base menor, ou sejam 13.000.000 de sacas, mas também vários cortes se atribuíram à produção dos outros países latino americanos.

* * *

Se os cálculos do Bureau Pan Americano se confirmarem, o equilíbrio estatístico a se verificar será o maior possível. Será, praticamente, a produção igual ao consumo. Poder-se-á esperar tão extraordinário resultado ? Não poderão entrar a crescer, novamente, as safras brasileiras ? Não poderão, também, decrescer, se se verificarem prejudiciais fenômenos climatéricos ? Não poderá ocorrer que o consumo europeu aumente mais depressa do que seria de se esperar ? Ou que a produção dos restantes países da América Latina não decresça as 1.508.000 sacas previstas ?

Estas hipóteses podem, também, verificar-se simultâneamente várias delas, em sentido contrário, anulando-se, assim, nos seus efeitos.

Só o tempo nos dirá algo de positivo acêrca de tudo isso.

IMPORTAÇÕES DE CAFÉ NA EUROPA

(Sacas de 60 quilos ou 132.276 Libras)

PAISES IMPORTADORES	MÉDIA ANUAL PARA O PERÍODO DE 1930 A 1938
Bélgica	836 000
Tchecoslováquia	203 000
Dinamarca	488 000
Finlândia	312 000
França	3 110 000
Alemanha	2 592 000
Grã Bretanha	489 000
Itália	656 000
Holanda	733 000
Noruega	289 000
Portugal	97 000
Espanha	400 000 (x)
Suécia	780 000
Suiça	259 000
Turquia	83 000
Diversos	605 000
Total	**11 932 000**

(x) Média 1930/36.

ESTIMATIVA DO CONSUMO PROVAVEL DE CAFÉ NA EUROPA

MÉDIA ANUAL DURANTE 3 ANOS, PERÍODO 1945-46/47-48

(Sacas de 60 quilos ou 132.276 libras)

PAISES NÃO INVADIDOS	MÉDIA DO CONSUMO ANTES DA GUERRA		ESTIMATIVA DE APÓS GUERRA
Irlanda	4 000		
Grã Bretanha	489 000		
Portugal	97 000		
Espanha	400 000		
Suécia	780 000		
Suiça	259 000		
Turquia	82 000		
Total		**2 112 000**	**2 112 000**
PAISES INVADIDOS CUJO RAPIDO RETORNO PARA O CONSUMO PODE SER ESPERADO EM GERAL			
Bélgica	836 000		
Dinamarca	488 000		
França	3 110 000		
Holanda	733 000		
Noruega	289 000		
Total		**5 456 000**	**2 728 000 (x)**
RESTANTES PAISES EUROPEUS CUJO RETORNO PARA O CONSUMO SERA' MAIS LENTO			
Total		**4 364 000**	**436 000 (§)**
Total geral		**11 932 000**	**5 276 000**

(x) Calculado na base de 50% da média do consumo de antes da guerra.
(§) Calculado na base de 10% da média do consumo de antes da guerra.

RELATÓRIO DE UMA VIAGEM DE ESTUDOS SÔBRE A LAVOURA CAFEEIRA NOS ESTADOS DO RIO DE JANEIRO E ESPÍRITO SANTO

J. E. T. MENDES
C. A. KRUG
J. BERGAMIN

(*Continuação do n. 224*)

II

3) Clima

A falta de maior número de postos meteorológicos impossibilita uma análise mais minuciosa do clima do Estado do Rio e a sua influência sôbre a lavoura cafeeira. É interessante notar que a zona de Vassouras com seus 8 municípios cafeeiros fica aproximadamente à mesma latitude que a região de Jaú no Estado de São Paulo e que o município maior produtor de café, Itaperuna, se localiza à mesma latitude de Ribeirão Preto. O clima destas regiões, entretanto, difere daquêle das acima citadas de São Paulo, pelo fato de estarem localizadas mais próximas do mar e, geralmente, a altitudes menores. De uma maneira geral, as temperaturas médias mensais são ali mais uniformes durante o ano, sendo as médias mínimas mais elevadas do que as de São Paulo, nos mesmos meses, não havendo, pràticamente, perigo de geadas. Quanto à umidade relativa do ar, esta é, como era de se esperar, mais elevada no Estado do Rio. Os principais fatôres meteorológicos são os seguintes para as localidades abaixo citadas:

(Dados extraídos de "Normais Climatológicas" Serviço de Meteorologia 1941).

Quadro I

a) **Valença** Altitude: 590 m (Médias do período 1923 a 1932; observações incompletas).

MESES	TEMP. MÉDIA DO AR	UMIDADE RELATIVA DO AR %	CHUVAS TOTAIS mm
Janeiro	22,8	84	301,7
Fevereiro	23,2	85	265,0
Março	23,0	85	218,3
Abril	21,6	83	69,7
Maio	18,9	85	65,6
Junho	17,1	90	25,4
Julho	16,0	87	11,1
Agôsto	17,8	78	18,4
Setembro	18,8	79	61,1
Outubro	19,5	80	115,1
Novembro	20,8	85	204,5
Dezembro	22,5	85	267,7
	20,2	83,8	1 623,6

Dada a altitude relativamente elevada, as temperaturas médias mensais são em geral mais baixas do que em São Fidelis e Itaperuna. A umidade relativa do ar e as chuvas são bem favoráveis ao cafeeiro.

Quadro II

b) **São Fidelis** Altitude: 25 m (Médias do período 1921 a 1935: observações incompletas).

MESES	TEMP. MÉDIA DO AR	UMIDADE RELATIVA DO AR %	CHUVAS TOTAIS mm	
Janeiro	26,3	80	154,3	As temperaturas médias mensais são aqui bem elevadas, favorecendo o cafeeiro; a umidade relativa do ar é mais baixa do que em Valença e Itaperuna, sendo o total de chuvas também inferior.
Fevereiro	26,5	79	122,8	
Março	25,9	81	103,5	
Abril	24,1	82	70,8	
Maio	21,5	83	46,6	
Junho	20,2	83	32,5	
Julho	19,3	82	18,4	
Agôsto	20,5	79	28,4	
Setembro	22,4	77	41,1	
Outubro	23,2	78	110,8	
Novembro	24,2	79	157,6	
Dezembro	25,7	79	173,3	
	23,3	80,2	1.061,1	

Quadro III

c) **Itaperuna** Altitude: 139 m (Médias do período 1922 a 1935; observações incompletas).

MESES	TEMP. MÉDIA DO AR	UMIDADE RELATIVA DO AR %	CHUVAS TOTAIS mm	
Janeiro	24,8	86	198,8	As temperaturas médias mensais e a umidade relativa do ar são aqui bem favoráveis ao cafeeiro, apenas notando-se a existência de 2 meses com muito poucas chuvas (julho e agôsto); o total das precipitações também é, relativamente baixo.
Fevereiro	25,2	85	164,1	
Março	24,7	85	137,2	
Abril	23,2	86	58,4	
Maio	20,6	86	44,8	
Junho	19,3	86	24,7	
Julho	18,5	83	15,3	
Agôsto	19,6	79	17,4	
Setembro	21,5	82	54,4	
Outubro	22,4	84	142,7	
Novembro	23,2	86	190,0	
Dezembro	24,9	84	221,1	
	22,3	84,3	1.268,9	

4) **Número de propriedades cafeeiras, sua distribuição por município e número de cafeeiros existentes.**

Segundo as últimas estatísticas oficiais do Departamento Nacional do Café (1942), é de 9.311 o total de propriedades cafeeiras existentes naquele Estado, as quais assim se distribuem :

Zona da Baixada de Goitacazes :	N.º de proprie-dades	N.º total de cafeeiros	N.º médio de cafeeiros por fazenda
Campos	563	6.473.500	11.498,2
Macaé	97	926.800	9.554,6
	660	7.400.300	11.212,6
Zona da Baixada de Araruama :			
Casimiro de Abreu	21	283.000	13.476,2
Zona da Baixada de Guanabara :			
Cachoeiras	1	76.500	76.500,0
Capivari	161	601.650	3.737,0
Rio Bonito	43	341.100	7.932,6
	205	1.019.250	4.972,0
Zona de Muriaé :			
Bom Jesus de Itabapoana	651	15.086.000	23.173,6
Cambuci	868	8.876.490	10.226,4
Itaperuna	2.764	35.550.000	12.861,8
Miracema	216	7.596.000	35.166,7
Santo Antônio de Pádua	721	5.889.300	8.168,2
	5.220	72.997.790	13.984,2
Zona de Cantagalo :			
Bom Jardim	761	11.922.050	15.666,3
Cantagalo	181	6.232.300	34.432,6
Carmo	18	236.500	13.138,9
Duas Barras	141	6.807.500	48.280,1
Itaocara	265	5.460.800	20.606,8
São Fidelis	715	6.334.520	8.859,5
São Sebastião do Alto	13	152.500	11.730,8
Sapucaia	19	1.345.500	70.815,8
Sumidouro	68	894.200	13.150,0
	2.181	39.385.870	18.058,6

Zona do Alto da Serra :	N.º de propriedades	N.º total de cafeeiros	N.º médio de cafeeiros por fazenda
Nova Friburgo	97	394.100	4.062,9
Santa Maria Madalena	554	5.620.400	10.145,1
Trajano de Morais	285	3.898.750	13.679,8
	936	9.913.250	10.591,1
Zona de Vassouras :			
Barra do Piraí	6	280.000	46.666,7
Barra Mansa	5	177.000	35.400,0
Entre Rios	14	466.500	33.321,4
Paraíba do Sul	5	295.000	59.000,0
Rezende	6	545.000	90.833,3
Santa Tereza	13	921.003	70.846,4
Valença	37	3.367.300	91.008,1
Vassouras	2	25.000	12.500,0
	88	6.076.803	69.054,6
Total geral	9.311	137.076.263	14.722,0
			(Média geral)

Pelo quadro atrás verifica-se que mais da metade das fazendas cafeeiras e dos cafèzais do Estado do Rio se localizam atualmente na zona de Muriaé, destacando-se o município de Itaperuna, que, com os seus 35.550.000 pés de café, é tido como o município que possui o maior número de cafeeiros do mundo. A terceira coluna do quadro nos dá uma idéia do número médio de cafeeiros por fazenda ; como se vê, êste é bem pequeno, a média geral pouco ultrapassando 14.000 pés. De maneira geral nota-se, pelas estatísticas, que cêrca de 10% das propriedades possuem menos de 1.000 cafeeiros, cêrca de 30% entre 1.000 e 5.000, 30% entre 5.000 e 25.000, existindo, no Estado do Rio, apenas 4 propriedades com mais de 500.000 pés. Predomina, portanto, neste Estado, a **pequena propriedade cafeeira.**

Examinando-se ainda, separadamente, o município de Itaperuna, verifica-se que as suas 2.764 propriedades cafeeiras assim se distribuem :

até 500 cafeeiros :	83	ou 3,0%
de 501 a 1.000 :	282	ou 10,2%
de 1.001 a 5.000 :	1.074	ou 38,9%
de 5.001 a 10.000 :	551	ou 19,9%
de 10.001 a 25.000 :	472	ou 17,1%
de 25.001 a 50.000 :	195	ou 7,1%
de 50.001 a 100.000 :	73	ou 2,6%
de 100.001 a 500.000 :	34	ou 1,2%
Total :	2.764	100%

5) Nacionalidade dos cafeicultores

Entre os dados estatísticos, elaborados pelo D.N.C. em 1942, encontramos ainda informações interessantes sôbre a nacionalidade dos fazendeiros de café no Rio de Janeiro. Dos 8.230 cafeicultores, 7.735 (94%) são brasileiros, os restantes 6% sendo constituídos, principalmente, por italianos, portuguêses, espanhóis, e em número muito reduzido, por turco-árabes e alemães. O elemento nacional predomina, pois, por grande maioria.

6) Variedades em cultivo

Predomina no Estado do Rio de Janeiro o café Nacional ou Comum — **Coffea arabica** var. **typica** Cramer. Foi esta provàvelmente a primeira variedade introduzida no Brasil. Vindo do norte do país, adaptou-se bem no zona de Vassouras e dalí se espalhou pelo resto do Rio e pelo Estado de São Paulo. O café "Amarelo" (var. xanthocarpa) também é encontrado em algumas fazendas (Fig. 9). O bourbon foi introduzido "clandestinamente" em Rezende, por volta de 1860 (8). Segundo Delden-Laërne (3), chegou-se a formar uma lavoura de cêrca de 500.000 pés desta variedade na Fazenda "Cruz Alta" naquele Estado. Aparentemente, não teve, porém, boa acolhida pelos fazendeiros locais, pois, durante o nosso percurso, só pudemos observar poucas lavouras desta variedade, constatando-se em muitas delas misturas com o Nacional, e mesmo tipos intermediários que se originaram, provàvelmente, pela hibridação natural. Quanto ao **"Café Java"**, não se chegou ainda a uma conclusão definitiva, se é sinônimo do **bourbon** ou do **typica**, não devendo, porém, como quer Delden-Laërne (3), constituir variedade distinta.

Fig. 7 — Face "noruega" onde os cafèzais são mais produtivos, mas de duração muito mais limitada.

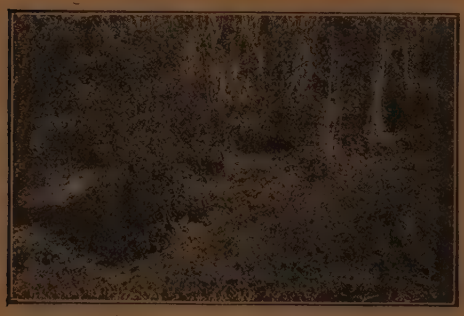


Fig. 8 — Local onde foi tirado o perfil n.º 1. — Fazenda Sta. Alice — Monção.

Destaque especial merece o "Café Conillon" (Kouillou) pertencente à espécie **Coffea canephora**, e que se acha plantado, em escala reduzida, em algumas lavouras nas zonas de Cantagalo. Semelhante ao Robusta, é mais rústico que as variedades do **C. arabica** e bem mais

tardio na maturação dos seus frutos. Com o fim de fazermos observações numa lavoura maior dêste café, atravessamos o Rio Paraíba em Pôrto Novo do Cunha, visitando, em território mineiro, a Fazenda Gironda, do sr. Carlos Teixeira Soares. Êste café foi introduzido, mais ou menos em 1910, pelo falecido João Teixeira Soares, instalando-se, pouco depois, uma lavoura de 14.000 pés; a produção máxima foi de 78 arrobas por mil pés, não tendo havido dificuldades na venda do café, que tem alcançado o mesmo preço pago pelo café comum tipo 7. Nesta fazenda utilizou-se também o "Kouillou" para as replantas de lavoura de café Nacional; verificamos que em um dêstes talhões, hoje transformado em pastagem, só restam estas replantas, o que representa prova de sua grande rusticidade (Fig. 10). Pudemos ainda inspecionar nesta fazenda uma lavoura nova, plantada de mudas (de torrões) em 1934/35, sendo 2 pés na cova (Fig. 11). Apesar de mal tratado, em virtude da falta de braços, êste talhão se apresenta em condições relativamente boas. Possuem aí três tipos de "Kouillou" que se diferenciam pela côr das cerejas: amarelo, vermelho e listado, sendo que êste último é tido como mais produtivo, o que pomos em dúvida. Em geral, os frutos são muito pequenos, dando origem a um produto muito miúdo, Em virtude da sua grande rusticidade, julgamos de interêsse que se efetuem estudos em tôrno dêste café, principalmente visando adaptar ou selecionar linhagens de frutos maiores.

Fig. 9 — Belíssimo exemplar do Café amarelo de Botucatu. C. arábica var. xanthocarpa. Fazenda Chacrinha — Valença.

Nas proximidades de Itaperuna ainda deparamos com uma pequena lavoura dêste café à margem da estrada de rodagem (Fig. 12).

7) Produção

É por demais sabido que o Estado do Rio de Janeiro já foi o maior produtor de café no Brasil. Os algarismos abaixo alinhados demonstram que já no recuado ano de 1838 essa lavoura constituia um estêio econômico de importância muito grande e que por um largo período a produção se manteve elevada e mais ou menos estável.

QUADRO IV

Produção de café na Província do Rio de Janeiro (7)

ANOS	ARROBAS	SACOS DE 60 Kg
1838	2.498.398	624.599
1843	4.898.808	1.224.702
1845	5.369.811	1.342.452
1846	5.948.428	1.487.107
1847	7.275.193	1.818.798
1848	6.505.712	1.626.428
1849	4.488.921	1.122.230
1850	7.388.538	1.847.134
1851	7.355.394	1.838.848
1854	7.988.551	1.997.137
1857	4.561.703	1.140.425
1861	7.554.735	1.888.683
1862	5.136.564	1.284.141
1863	4.869.182	1.217.795
1864	5.479.544	1.369.886
1865	6.284.651	1.571.162
1866	7.072.961	1.768.240
1867	9.308.654	2.327.163
1868	7.755.790	1.938.947
1869	9.206.862	2.301.715
1870	6.723.551	1.680.887
1871	7.722.608	1.930.652

Delden Laërne (3) dá a exportação do Rio de Janeiro, do café de procedência fluminense, no período que vai de 1873 a 1882.

QUADRO V

Exportação do café fluminense pelo Rio de Janeiro

ANOS	SACOS DE 60 Kg	MÉDIA DO PERÍODO	AUMENTO DA PRODUÇÃO
1873	1.543.062		
1874	1.752.915		
1875	1.987.817		
1876	1.859.372	1.785.791	100,00
1877	1.787.530		
1878	1.828.303		
1879	2.156.987		
1880	2.229.413	2.000.558	112,02
1881	2.466.799		
1882	2.602.071	2.534.435 *	141,92
Média	2.027.427		

Adotando-se a média do período 1873-1876 como 100, vamos observar um aumento razoável no quatriênio seguinte, e acréscimo bem grande no biênio 1881-1882.

Se examinarmos as produções dos últimos anos vamos notar um declínio acentuado.

QUADRO VI

Produção de café no Estado do Rio de Janeiro (4)

PERÍODOS	SACOS DE 60 Kg	EM % RELATIVA AO DECÊNIO 1873-1882
1900/01 a 1903/04	1.126.500	55.56
1904/05 a 1907/08	739.000	36.45
1908/09 a 1911/12	744.250	36.70
1912/13 a 1915/16	854.250	42.13
1916/17 a 1919/20	809.250	39.91
1920/21 a 1923/24	1.078.500	53.19
1924/25 a 1927/28	998.750	49.26
1928/29 a 1931/32	1.136.500	56.05
1932/33 a 1935/36	910.750	44.92
1936/37 a 1939/40	797.000	39.31
1940/41 a 1942/43 *	546.000	26.93

* triênio.

Adotando a produção média do período 1873–1882 como 100, obteremos os números da coluna 3, pelos quais podemos avaliar a diminuição das safras fluminenses. Não conseguimos dados relativos ao período 1883–1889, mas supomos que não deve ter havido aumento apreciável nesses anos, porque já então eram evidentes os efeitos da próxima libertação dos escravos, o que deveria influir grandemente no ânimo dos lavradores, não os animando a abrir novas plantações.

De qualquer forma, o fato evidente é a grande diminuição das safras até 1920 ; uma elevação entre 1921 e 1932 e uma nova queda daí em diante.

A causa inicial da decadência da cafeicultura no Estado do Rio foi, sem dúvida alguma, a libertação dos escravos. Hoje, porém, uma causa mais profunda concorre, diàriamente, incessantemente, para isso : o mau preparo do produto. A baixa qualidade do café dá resultados financeiros pouco satisfatórios ; o lucro muito reduzido traz o desinteresse para qualquer medida tendente a melhorar as práticas em uso.

Enquanto houver terras novas a serem exploradas, o que já escasseia, a produção do Estado não diminuirá de uma forma espetacular. Quando não mais houver mato a derrubar, se não forem modificadas as condições atuais, dentro de pouco tempo o Estado do Rio se verá privado de cafezaisl. A decadência rapidíssima das plantações, devido à topografia e aos métodos de cultura empregados, concorrem para que esta data já esteja bem próxima. A duração média de um cafezal fluminense, segundo nos informaram, é de 15 anos. Já em 1844 Augustinho Rodrigues da Cunha (2) afirmava : "Os cafezais na província do Rio de Janeiro apenas chegam à idade de vinte ou vinte e cinco anos, são considerados por os nossos agricultores como velhos e incapazes de dar uma colheita que pague o trabalho que exigem, ocorrendo ainda que neste lugar é difícil replantar um cafezal novo, porque a terra não se acha nas mesmas circunstâncias, nem possui seu primeiro vigor, estando longamente exposta às intempéries das estações".

Fig. 10 — Cafeeiro Kouillou, remanescente de uma plantação existente na fazenda Gironda. Pôrto Novo do Cunha — Estado de Minas Gerais.

8) Plantio de novos cafezais

As estatísticas atrás mencionadas incluem cafeeiros de tôdas as idades, de 4 a 8 até mais de 40 anos, bem como um reduzido número que ainda não tinha entrado em produção em 1942 (325.700). Êstes dados não podem deixar de ser

muito falhos, pois, tendo havido proibição de plantio, não se forneciam números precisos sôbre a formação de novas lavouras. Durante o percurso que fizemos, pouquíssimos casos de plantações novas pudemos observar; formar lavouras em terras velhas, ninguém se arrisca a fazer e plantá-las em terras virgens, poucos estarão em condições de realizar. Apenas na Fazenda De Lordelo, que foi do Barão do Paraná, o atual proprietário, sr. Antônio Côrtes Vilela, plantou recentemente 70.000 pés de bourbon em terra recém-desbravada. Talvés a recente melhoria dos preços do café anime novamente os cafeicultores a estenderem as suas plantações naquelas fazendas que ainda possuem mata virgem a ser derrubada.

Fig. 11 — Cafezal de Kouillou. — Fazenda Gironda — Pôrto Novo do Cunha — Estado de Minas Gerais.

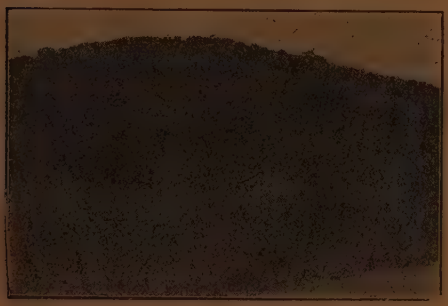


Fig. 12 — Cafezal de Kouillou — Proximidades de Itaperuna.

9) Métodos de plantação e cultivo

Para quem está acostumado com o sistema usual de plantação do cafeeiro em São Paulo, choca, de início, o modo por que esta é feita no Estado do Rio de Janeiro. A diferença mais gritante é a da distribuição dos cafeeiros no terreno.

a) **Distância de plantação** — Em São Paulo estamos acostumados com a divisão do terreno em talhões e a plantação dos cafeeiros em compasso certo, em quadrado. A distância de planta a planta é que é variável, de uma fazenda para a outra, sendo comum o emprêgo de 16, 18 ou 20 palmos (3,52 m, 3,96m ou 4m,40).

No Estado do Rio de Janeiro duas são as distâncias usadas em um mesmo terreno: uma maior entre as linhas e que pode ser de mais ou menos os 16 palmos usuais em São Paulo (3,52 m); a outra menor, dentro das linhas, onde os cafeeiros

Fig. 13 — O maior espaçamento é dado de linha a linha de cafeeiros.

Fig. 14 — Na linha as plantas se sucedem em compasso muito apertado.

Paulo a erosão foi o fator número um da decadência de nossas lavouras de mais idade, o que dizer do processo adotado pelos fluminenses, feito parece que de propósito para **forçar a erosão** a ter um efeito mais destruidor? Se sentimos em nosso patrimônio um desfalque trazido pela violência das enxurradas que correm sem que tenha havido a preocupação de detê-las ou aproveitá-las em benefício do cafeeiro, que esperar de um tipo de cultura que se baseia na destruição rápida e sistemática do próprio solo em que se assenta?

se sucedem a apenas 1,5 m, ou quando muito 2 m uns dos outros (Figs. 13 14).

As linhas são plantadas no sentido exato do maior declive do terreno (Fig. 15). Se o local apresentar mais de uma face, o que é frequente, as séries de cafeeiros tomam sempre, invariàvelmente, o rumo mais declívoso, desenhando nos morros figuras geométricas que se destacam com uma visibilidade impressionante. Êste aspecto, inédito para nós paulistas, nos deixa estarrecidos diante das consequências ruinosas que uma tal prática traz consigo. Se em São

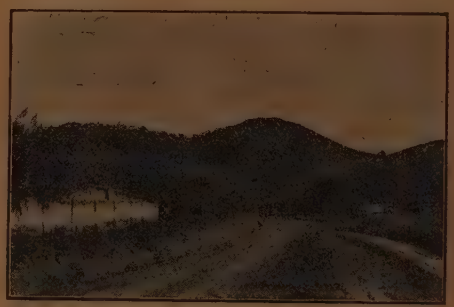


Fig. 15 — As linhas acompanham a maior declividade do terreno. Arredores de Itaperuna.

(continua)

Estatísticas

Movimento da Safra 1942/43

I — Destino Santos

(ATÉ 31 DE OUTUBRO DE 1945)

Saca de 60 quilos

SÉRIES	DESPACHADAS	DESTINOS ALTERADOS	CONVERTIDAS	TOTAL	LIBERADAS	DESTINOS ALTERADOS	A LIBERAR
Dirétas	3 873 031	185	—	3 873 216	3 867 348	5 858	10
10-R-42	91 701	—	8 508	100 209	98 065	—	2 144
9-R-42	1 254 998	—	32 172	1 287 170	1 279 317	—	7 853
8-R-42	506 475	—	6 326	512 801	505 948	—	6 853
7-R-42	323 366	—	3 488	326 854	319 816	—	7 038
6-R-42	207 130	—	3 996	211 126	210 720	—	406
5-R-42	143 847	—	1 153	145 000	144 578	200	222
4-R-42	131 131	—	1 108	132 239	128 518	3 721	—
3-R-42	154 337	—	1 835	156 172	155 120	760	292
2-R-42	95 555	—	1 205	96 760	96 316	—	444
1-R-42	105 216	—	916	106 132	105 382	—	750
2A-R-42	21 210	—	288	21 498	21 498	—	—
1A-R-42	63 448	148	2 164	65 760	65 704	—	56
Total...	3 098 414	148	63 159	3 161 721	3 120 982	4 681	26 058
Pr. Despolp	39 519	—	—	39 519	39 519	—	—
T. Geral	7 010 964	333	63 159	7 074 546	7 037 849	10 539	26 068

NOTA : — Do mês de junho a 30 de novembro de 1942 foram despachadas 25.514 sacas na "Série Preferencial Despolpado" (Resolução 467).

Movimento da Safra 1943/44

II — Destino Santos

(ATÉ 31 DE OUTUBRO DE 1945) Saca de 60 quilos

SÉRIES	DESPACHADAS	LIBERADAS	A LIBERAR
1-D-43	266 342	266 342	—
2-D-43	225 436	225 286	150
3-D-43	280 758	280 492	266
4-D-43	198 363	196 686	1 677
5-D-43	210 255	205 131	5 124
6-D-43	150 727	147 158	3 569
7-D-43	154 769	152 319	2 450
8-D-43	113 816	112 221	1 595
9-D-43	86 500	84 182	2 318
10-D-43	83 537	80 568	2 969
11-D-43	92 697	90 257	2 440
12-D-43	35 635	35 331	304
13-D-43	50 465	49 029	1 436
14-D-43	116 016	112 817	3 199
Total	**2 065 316**	**2 037 819**	**27 497**
14-R-43	266 359	261 077	5 282
13-R-43	225 456	220 240	5 216
12-R-43	280 795	275 016	5 779
11-R-43	198 391	195 830	2 561
10-R-43	210 295	202 979	7 316
9-R-43	150 748	147 333	3 415
8-R-43	154 792	150 671	4 121
7-R-43	113 847	112 300	1 547
6-R-43	86 524	83 893	2 631
5-R-43	83 559	80 481	3 078
4-R-43	92 708	89 889	2 819
3-R-43	35 650	35 346	304
2-R-43	50 484	49 648	836
1-R-43	116 042	112 566	3 476
Total	**2 065 650**	**2 017 269**	**48 381**
Preferencial	1 704 593	1 701 648	2 945
Pref. Despolpado	52 820	52 820	—
Total Geral	**5 888 379**	**5 809 556**	**78 823**

NOTA : — No total referente ao Preferencial Despolpado estão computadas 27.136 sacas despachadas durante o período de 1.º de junho a 15 de outubro de 1943.

Movimento da Safra 1944/45

III — Destino Santos

(ATÉ 31 DE OUTUBRO DE 1945)

Saca de 60 quilos

SÉRIES	DESPACHADAS	LIBERADAS	A LIBERAR
1-D-44	531	531	—
2-D-44	70 519	68 375	2 144
3-D-44	43 790	41 442	2 348
4-D-44	55 356	52 641	2 715
5-D-44	50 406	47 456	2 950
6-D-44	66 456	60 726	5 730
7-D-44	43 968	34 316	9 652
8-D-44	62 966	55 390	7 576
9-D-44	67 501	61 043	6 458
10-D-44	52 602	44 931	7 671
11-D-44	34 481	29 529	4 952
12-D-44	55 601	49 305	6 296
13-D-44	48 747	40 653	8 094
14-D-44	52 537	40 853	11 684
15-D-44	79 572	66 384	13 188
16-D-44	260 029	208 952	51 077
17-D-44	155 637	112 654	42 983
18-D-44	321 739	191 094	130 645
19-D-44	62 819	30 270	32 549
Total	**1 585 257**	**1 236 545**	**348 712**
16-R-44	531	531	—
15-R-44	70 535	17 357	53 178
14-R-44	43 806	11 514	32 292
13-R-44	55 372	10 064	45 308
12-R-44	50 423	9 065	41 358
11-R-44	66 478	11 288	55 190
10-R-44	43 979	7 760	36 219
9-R-44	62 988	13 463	49 525
8-R-44	67 514	20 320	47 194
7-R 44	52 616	9 161	43 455
6-R-44	34 490	5 241	29 249
5-R-44	55 613	8 060	47 553
4-R-44	48 762	10 713	38 049
3-R-44	52 546	9 844	42 702
2-R-44	79 592	13 956	65 636
1-R-44	260 117	57 036	203 081
2A-R-44	155 724	49 515	106 209
1A-R-44	321 921	122 963	198 958
1B-R-44	62 869	21 506	41 363
Total	**1 585 876**	**409 357**	**1 176 519**
Preferencial	693 552	423 538	270 014
Pref. Desõolpado	24 896	24 896	—
Total Geral	**3 889 581**	**2 094 336**	**1 795 245**

Movimento da Safra 1945/46

IV — Destino Santos

(ATÉ 31 DE OUTUBRO DE 1945)

Saca de 60 quilos

SÉRIES	DESPACHADAS	LIBERADAS	A LIBERAR
1-D-45	27 443	6 953	20 490
2-D-45	62 924	9 972	52 952
3-D-45	92 752	2 950	89 802
4-D-45	219 975	6 767	213 208
5-D-45	195 014	5 002	190 012
6-D-45	240 238	7 813	232 425
7-D-45	217 676	9 879	107 797
8-D-45	207 426	7 003	200 423
Total	**1 263 448**	**56 339**	**1 207 109**
18-R-45	27 452	1 100	26 352
17-R-45	62 972	1 876	61 096
16-R-45	92 778	1 577	91 201
15-R-45	220 025	3 845	216 180
14-R-45	195 048	2 898	192 150
13-R-45	240 291	4 044	236 247
12-R-45	217 735	7 856	209 879
11-R-45	207 474	6 604	200 870
Total	**1 263 775**	**29 800**	**1 233 975**
Preferencial	865 139	8 382	856 757
Pref. Despolpado	16 675	4 670	12 005
Total Geral	**3 409 037**	**99 191**	**3 309 846**

Café Paulista entrado em Santos

I — Safra por Estrada de Procedência

OUTUBRO DE 1945

Saca de 60 quilos

ESTRADA DE FERRO	1942/43	1943/44	1944/45	1945/46	TOTAL
São Paulo Railway	—	—	313	84 752	85 065
E. F. Sorocabana	—	—	121 465	1 212	122 677
Cia. Paulista	—	1 716	256 940	10 674	269 330
Cia. Mogiana	34 127	4 344	50 373	2 464	91 308
E. F. Araraquara	—	—	185 809	—	185 809
Cia. E. F. do Dourado	—	—	68 067	—	68 067
E. F. São Paulo Goiaz	—	—	57 724	—	57 724
E. F. Monte Alto	—	—	3 215	—	3 215
E. F. Noroeste do Brasil	—	—	138 442	—	138 442
Cia. Campineira T.L.F.	—	—	—	89	89
E. F. S. Paulo e Minas	—	—	421	—	421
E. F. Jaboticabal	—	—	200	—	200
E. F. Morro Agudo	—	—	4 948	—	4 948
E. F. Central do Brasil	—	—	760	—	760
Total	34 127	6 060	888 677	99 191	1 028 055

Café Paulista (preferencial) entrado em Santos

II — MÊS DE DESPACHO POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

OUTUBRO DE 1945

Saca de 60 quilos

ESTRADA DE FERRO	AGÔSTO 1944	SET. 1944	OUTUB. 1944	NOV. 1944	DEZ. 1944	JAN. 1945	FEV. 1945	MARÇO 1945	ABRIL 1945	MAIO 1945	JULHO 1945	AGÔSTO 1945	SET. 1945	OUTUB. 1945	TOTAL
Preferencial-Safra 1944/45															
E. F. Sorocabana	—	—	—	—	—	550	1 058	—	—	—	—	—	—	—	1 608
Cia. Paulista E. F.	8 373	8 442	4 073	1 728	3 581	1 095	697	6 439	12 168	67	—	—	—	—	46 663
Cia. Mogiana E. F.	—	300	4 331	7 403	6 360	1 648	1 895	3 372	8 199	2 828	—	—	—	—	36 333
E. F. Araraquara	—	—	—	2 100	1 437	—	4 190	22 383	18 132	2 400	—	—	—	—	50 642
Cia. E. F. do Dourado	—	—	—	—	—	—	158	800	5 888	1 288	—	—	—	—	8 134
E. F. São Paulo-Goiaz	—	—	—	—	—	—	—	1 358	192	—	—	—	—	—	1 550
E. F. Monte Alto	—	—	—	—	—	—	—	—	694	—	—	—	—	—	694
E. F. Noroeste do Brasil	1 000	558	1 451	563	—	4 192	6 691	8 896	5 200	285	—	—	—	—	28 836
E. F. S. Paulo e Minas	—	—	—	421	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	421
E. F. Jaboticabal	—	—	—	—	—	—	—	200	—	—	—	—	—	—	200
Total	9 373	9 300	9 855	12 215	11 378	7 485	14 689	43 448	50 473	6 868	—	—	—	—	175 084
Preferencial-Safra 1945/46															
São Paulo Railway	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	381	1 026	3 843	1 760	7 010
E. F. Sorocabana	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	604	608	—	1 212
Cia. Paulista E. F.	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	945	368	1 053	—	2 366
Cia. Mogiana E. F.	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1 137	1 327	2 464
Total	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	1 326	1 998	6 641	3 087	13 052
Total Geral	9 373	9 300	9 855	12 215	11 378	7 485	14 689	43 448	50 473	6 868	1 326	1 998	6 641	3 087	188 136

Café Mineiro, Goiano e Paranaense entrado em Santos

III — SAFRA POR ESTRADA DE PROCEDÊNCIA

Outubro de 1945

Sacas de 60 quilo

ESTR. DE FERRO	MINEIRO				GOIANO	PARANAENSE	TOTAL
	1943/44	1944/45	1945/46	Total	1944/45	1944/45	
Cia. Mogiana	4 750	7 848	491	13 089	4 675	—	17 764
E.F. Central do Brasil	723	—	—	723	—	—	723
R. Mineira de Viação	7 007	26 337	—	33 344	—	—	33 344
Leopold. Railway	65 364	2 930	—	68 294	—	—	68 294
E. F. Vitória a Minas	22 104	6 960	—	29 064	—	—	29 064
E. F. S. Paulo-Paraná	—	—	—	—	—	7 087	7 087
E. F. Sorocabana	—	—	—	—	—	250	250
R. V. P. Sta. Catarina	—	—	—	—	—	480	480
Total	**99 948**	**44 075**	**491**	**144 514**	**4 675**	**7 817**	**157 006**

Resumo do café entrado em Santos

IV — SAFRA POR ESTADO DE PROCEDÊNCIA

Outubro de 1945

Saca de 60 quilos

SAFRA	TOTAL JUL. A SET.	PAULISTA	MINEIRO	GOIANO	PARANAENSE	TOTAL DO MES	TOTAL GERAL
1942/43	359 637	34 127	—	—	—	34 127	393 764
1943/44	511 523	6 060	99 948	—	—	106 008	617 531
1944/45	1 458 594	888 677	44 075	4 675	7 817	945 244	2 403 858
1945/46	7 574	99 191	491	—	—	99 682	107 256
Total	**2 337 328**	**1 028 055**	**144 514**	**4 675**	**7 817**	**1 185 061**	**3 522 389**
Mesmo período ano anterior	1 585 206	141 111	31 132	—	9 942	182 185	1 768 391

Café Pa

ESTRADA DE FERRO	ATÉ 30 DE SETEMBRO DE 19			
	PREF. DESPOLP. (R. 467)	RETIDA	DIRETA	PREF.
São Paulo Railway Co.	994	47 675	47 623	2 399
E. F. Sorocabana	7 062	139 066	139 050	39 457
Cia. Paulista E. F.	—	258 923	258 863	83 384
Cia. Mogiana E. F.	1 687	25 917	25 885	19 212
E. F. Araraquara	—	137 706	137 676	58 891
Cia. E. F. do Dourado	—	21 221	21 216	2 363
Cia. Ferrov. S. Paulo Goiaz	—	28 578	28 566	26 358
E. F. Monte Alto	—	1 204	1 204	2 563
E. F. Noroeste do Brasil	—	177 814	177 802	32 806
Cia. E. F. Itatibense	—	—	—	
Cia. Campineira de T. L. F.	—	89	89	
E. F. S. Paulo e Minas	—	263	263	7 603
E. F. Jaboticabal	—	—	—	—
E. F. Barra Bonita	—	—	—	—
E. F. Morro Agudo	—	98	97	2 838
E. F. Central do Brasil	—	12	12	409
TOTAL	9 743	838 566	838 346	489 287

NOTAS : — Alem dos despachos acima mencionados foram despachadas "Fora de Série" 1 0
Para Angra dos Reis, não houve despachos de café.
Na Série Pref. Despolpado (Res. 467) safra 1945/46 foram despachadas durante

Café Paulist

ESTRADA DE FERRO	PREF. DESPOLP. (R. 467)
Cia. Paulista	—
E. F. Araraquara	—
E. F. Noroeste do Brasil	—
E. F. Central do Brasil	—
Total	—

NOTA : — Além dos despachos acima mencionados foram
Outubro de 1945.
Na 1.ª e 2.ª quinzena de Outubro de 1945 — n
"Direta".

TOS

OVIMENTO

DE TROCA REVERTIDO AO ESTOQUE P/DNC	DE TROCA RETIRADO DO ESTOQUE P/DNC	DE TROCA RETIRADO DO ESTOQUE P/DNC	RETIRADO DO ESTOQUE P/DNC SERVIÇO DE PROPAGANDA	EXISTÊNCIA
—	105	—	—	2 659 890
—	3 993	—	—	2 663 016
—	319	208	—	2 476 009
—	192	—	—	3 239 558
—	4 609	208	—	—
134 619	10 475	2 809	—	3 675 024
5 417	27 445	60 598	—	2 387 047
16 343	8 296	17 286	42 739	1 394 962
—	180 160	62 142	—	542 161

Café Paulista entrado no Rio de Janeiro

I — SAFRA POR ESTRADA DE PROCEDENCIA

Outubro de 1945

Saca de 60 quilos

ESTRADAS DE FERRO	1945/46
São Paulo Railway	67 900
E. F. Sorocabana	100
E. F. Central do Brasil	1 764
Total	69 764

Resumo do café entrado no Rio de Janeiro

II — POR ESTADO DE PROCENDENCIA

Outubro de 1945

Saca de 60 quilos

ESTADO DE PROCEDENCIA	DE JULHO A SETEMBRO	MES DE OUTUBRO	TOTAL
São Paulo	1 944	—	1 944
Minas Gerais	221 209	120 421	341 630
Rio de Janeiro	101 556	49 097	150 653
Espírito Santo	207 794	65 715	273 509
Total	**532 503**	**235 233**	**767 736**

Café disponível nos portos de exportação do Brasil

Saca de 60 quilos

1945	SANTOS	RIO DE JANEIRO	VITÓRIA	BAHIA	PARANAGUÁ	A. DOS REIS	RECIFE	TOTAL
Janeiro	3 582 540	705 363	535 594	67 361	17 234	18 775	39 102	4 965 969
Fevereiro	3 561 162	671 343	392 504	58 315	18 217	19 305	58 851	4 779 697
Março	3 329 904	591 780	212 888	65 226	17 359	20 498	51 322	4 288 977
Abril	3 792 369	644 842	269 115	55 922	25 172	24 459	65 948	4 877 827
Maio	3 694 626	745 283	222 225	49 021	44 284	8 903	82 478	4 846 820
Junho	3 165 471	617 540	248 968	36 123	42 837	14 205	79 415	4 204 559
Julho	2 659 890	629 302	147 163	46 858	12 141	20 812	55 591	3 371 757
Agôsto	2 663 016	375 842	144 000	37 535	10 732	33 426	43 000	3 307 551
Setembro	2 476 009	473 009	148 357	31 781	18 343	3 559	40 549	3 191 607
Outubro	3 239 558	407 593	165 728	32 570	24 227	11 865	28 516	3 910 057
Outubro — 1944	3 675 024	693 050	555 330	53 433	40 279	31 065	34 512	5 082 693
Outubro — 1943	2 387 047	474 885	231 080	57 955	98 758	34 146	21 020	3 304 891
Outubro — 1942	1 394 962	357 192	132 365	34 801	117 029	20 538	12 748	2 069 635
Outubro — 1941	542 161	336 020	204 237	27 923	99 700	28 381	49 053	1 287 375

Exportação Brasileira de Café

1945

Saca de 60 quilos

PÔRTO DE EMBARQUE	EXTERIOR	CABOTAGEM	TOTAL
Outubro:			
Santos	741 772	488	742 260
Rio de Janeiro	255 791	16 893	272 684
Vitória	56 638	12 038	68 676
Paranaguá	6 048	—	6 048
Salvador	5 232	3 530	8 762
Recife	2 887	5	2 892
Caravelas	—	7 549	7 549
Total de Outubro	1 068 368	40 503	1 108 871
Setembro	1 510 278	37 144	1 547 422
Agôsto	1 600 269	142 947	1 743 216
Julho	1 639 009	48 503	1 687 512
Junho	1 415 253	65 661	1 480 914
Maio	594 172	83 823	677 995
Abril	843 587	46 463	890 050
Março	937 571	40 325	977 896
Fevereiro	918 060	47 277	965 337
Janeiro	1 107 577	19 703	1 127 280
Total Janeiro a Outubro	11 634 144	572 349	12 206 493
Mesmo período em:			
1944	10 819 060	552 140	11 371 200
1943	8 491 817	476 408	8 968 225
1942	6 503 044	298 742	6 801 786
1941	9 109 411	410 866	9 520 277

NOTA: Outubro de 1945, cifras sujeitas a retificações.

Exportação Brasileira de Café

I — Detalhe pelos países do destino

SETEMBRO DE 1945

PAÍSES DO DESTINO	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR	
		EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
AMÉRICA DO NORTE:			
Canadá	73 573	25 870 145,80	346 894
Estados Unidos	1 157 933	346 762 652,50	4 651 361
AMÉRICA DO SUL:			
Argentina	31 285	7 961 423,70	106 468
Guiana Francesa	400	129 768,90	1 718
Paraguai	450	119 600,00	1 608
Uruguai	500	175 143,10	2 357
EUROPA:			
Belgo-Luxemburguesa, U. E.	88 500	30 140 901,50	405 233
Dinamarca	2	700,00	9
Espanha	923	261 846,10	3 510
Grã-Bretanha	60 900	19 288 728,80	259 408
Holanda	31 250	9 995 595,10	134 106
Islândia	1 100	326 529,20	4 389
Itália	1 100	300 285,90	4 036
Noruéga	41 760	13 220 102,20	177 066
Suécia	21 486	7 024 929,10	94 399
Total	**1 511 162**	**461 508 351,90**	**6 192 562**

Exportação Brasileira de Café

II — Detalhe pelos portos de destino

SETEMBRO DE 1945

PORTOS DO DESTINO	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	VALOR EM LIBRAS
AMÉRICA DO NORTE :			
CANADÁ :			
Montreal	12 500	4 358 277,10	58 466
Via Nova Iorque	61 073	21 511 868,70	288 428
ESTADOS UNIDOS :			
Jacksonville	53 575	16 586 465,80	222 330
Los Angeles	1 100	347 411,60	4 666
Norfolk	53 757	16 442 530,30	220 407
Nova Iorque	664 141	201 623 149,20	2 703 897
Nova Orleães	367 360	106 375 058,60	1 427 733
São Francisco	14 500	4 294 084,00	57 666
Seattle	3 500	1 093 953,00	14 662
AMÉRICA DO SUL :			
ARGENTINA :			
Bahia Blanca	400	99 012,60	1 331
Buenos Aires	27 815	7 055 967,20	94 256
Rosário	3 070	806 443,90	10 881
GUIANA FRANCESA :			
Caiena	400	129 768,90	1 718
PARAGUAI :			
Assunção	450	119 600,00	1 608
URUGUAI :			
Montevidéu	500	175 143,10	2 357
EUROPA :			
BELGO-LUXEMBURGUESA, U. E. :			
Antuérpia	88 500	30 140 901,50	405 233
DINAMARCA :			
Copenhague	2	700,00	9
ESPANHA :			
Barcelona	6	1 702,10	185 191
Bilbáu	917	260 144,00	74 217
GRÃ-BRETANHA :			
Liverpool	43 600	13 768 062,50	24
Londres	17 300	5 520 666,30	3 486
HOLANDA :			
Amsterdão	31 250	9 995 595,10	134 106
ISLANDIA :			
Reykjavik	1 100	326 529,20	4 389
ITÁLIA :			
Via Nova Iorque	100	35 000,00	470
Nápoles	1 000	265 285,90	3 566
NORUÉGA :			
Oslo	41 760	13 220 102,20	177 066
SUÉCIA :			
Gotemburgo	21 486	7 024 929,10	94 399
Total	**1 511 162**	**461 578 351,90**	**6 192 562**

Exportação Brasileira de Café

III — Detalhe pelos portos de procedência

SETEMBRO DE 1945

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	VALOR EM LIBRAS
AMÉRICA DO NORTE:				
Canadá	Santos	73 573	25 870 145,80	346 894
Estados Unidos	Santos	957 824	293 843 648,30	3 940 773
	Rio de Janeiro	84 259	23 975 953,20	321 781
	Vitória	48 500	9 447 969,70	127 112
	Angra dos Reis	38 000	11 578 965,40	155 219
	Bahia	18 500	4 730 468,70	63 681
	Recife	9 850	2 880 402,20	38 692
	Florianópolis	1 000	305 227,00	4 103
AMÉRICA DO SUL:				
Argentina	Santos	6 009	2 051 189,60	27 583
	Rio de Janeiro	24 081	5 526 227,50	73 679
	Paranaguá	1 195	384 006,60	5 206
Guiana Francesa	Belém	400	129 768,90	1 718
Paraguai	Rio de Janeiro	450	119 600,00	1 608
Uruguai	Santos	500	175 143,10	2 357
EUROPA:				
Belgo-Luxemburguesa, U. E.	Santos	88 500	30 140 901,50	405 233
Dinamarca	Santos	2	700,00	9
Espanha	Rio de Janeiro	923	261 846,10	3 510
Grã-Bretanha	Santos	60 900	19 288 728,80	259 408
Holanda	Santos	31 250	9 995 595,10	134 106
Islândia	Rio de Janeiro	1 100	326 529,20	4 389
Itália	Santos	100	35 000,00	470
	Rio de Janeiro	1 000	265 285,90	3 566
Noruéga	Santos	41 760	13 220 102,20	177 066
Suécia	Santos	21 486	7 024 929,10	94 399
Total		**1 511 162**	**461 578 351,90**	**6 192 562**

Exportação Brasileira de Café

IV — Detalhe do volume pelos portos do destino, segundo os de procedência — SETEMBRO DE 1945

PORTOS DO DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA									
	SANTOS	RIO DE JANEIRO	VITÓRIA	ANGRA DOS REIS	PARANAGUÁ	BAHIA	RECIFE	FLORIANÓPOLIS	BELÉM	TOTAL
AMÉRICA DO NORTE :										
CANADÁ :										
Montreal	12 500	—	—	—	—	—	—	—	—	12 500
Via Nova Iorque	61 073	—	—	—	—	—	—	—	L	61 073
ESTADOS UNIDOS :										
Jacksonville	53 575	—	—	—	—	—	—	—	—	53 575
Los Angeles	1 100	—	—	—	—	—	—	—	—	1 100
Norfolk	53 757	—	—	—	—	—	—	—	—	53 757
Nova Iorque	554 686	47 105	—	37 500	—	14 000	9 850	1 000	—	664 141
Nova Orleães	280 956	33 404	48 500	—	—	500	—	—	—	367 360
São Francisco	10 250	3 750	—	500	—	—	—	—	—	14 500
Seattle	3 500	—	—	—	—	—	—	—	—	3 500
AMÉRICA DO SUL :										
ARGENTINA										
Bahia Blanca	—	400	—	—	—	—	—	—	—	400
Buenos Aires	5 609	21 011	—	—	1 195	—	—	—	—	27 815
Rosário	400	2 670	—	—	—	—	—	—	—	3 070
GUIANA FRANCESA :										
Caiena	—	—	—	—	—	—	—	—	400	400
PARAGUAI :										
Assunção	—	450	—	—	—	—	—	—	—	450
URUGUAI :										
Montevidéu	500	—	—	—	—	—	—	—	—	500
EUROPA :										
BELGO-LUXEMBURGUESA, U. E. :										
Antuerpia	88 500	—	—	—	—	—	—	—	—	88 500
DINAMARCA :										
Copenhague	2	—	—	—	—	—	—	—	—	2
ESPANHA :										
Barcelona	—	6	—	—	—	—	—	—	—	6
Bilbau	—	917	—	—	—	—	—	—	—	917
GRÃ-BRETANHA :										
Liverpool	43 600	—	—	—	—	—	—	—	—	43 600
Londres	17 300	—	—	—	—	—	—	—	—	17 300
HOLANDA :										
Amsterdão	31 250	—	—	—	—	—	—	—	—	31 250
ISLANDIA :										
Reykjavik	—	1 100	—	—	—	—	—	—	—	1 100
ITÁLIA :										
Via Nova Iorque	100	—	—	—	—	—	—	—	—	100
Nápoles	—	1 000	—	—	—	—	—	—	—	1 000
NORUÉGA :										
Oslo	41 760	—	—	—	—	—	—	—	—	41 760
SUÉCIA :										
Gotemburgo	21 486	—	—	—	—	—	—	—	—	21 486
Tota	1 281 904	111 813	48 500	38 000	1 195	18 500	9 850	1 000	400	1 511 162

Exportação Brasileira de Café

V — Detalhe do valor, em cruzeiros, pelos portos do destino, segundo os de procedência — SETEMBRO DE 1945

PORTOS DE DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA									
	SANTOS	RIO DE JANEIRO	VITÓRIA	ANGRA DOS REIS	PARANAGUÁ	BAHIA	RECIFE	FLORIANÓPOLIS	BELÉM	TOTAL
AMÉRICA DO NORTE										
CANADÁ										
Montreal	4 358 277,10	—	—	—	—	—	—	—	—	4 358 277,10
Via Nova Iorque	21 511 868,70	—	—	—	—	—	—	—	—	21 511 868,70
ESTADOS UNIDOS:										
Jacksonville	16 586 465,80	—	—	—	—	—	—	—	—	16 586 465,80
Los Angeles	347 411,60	—	—	—	—	—	—	—	—	347 411,60
Norfolk	16 442 530,30	—	—	—	—	—	—	—	—	16 442 530,30
Nova Iorque	169 781 543,80	13 659 492,20	—	11 432 741,70	—	3 563 742,30	2 880 402,20	305 227,00	—	201 623 149,20
Nova Orleães	86 520 798,20	9 239 546,30	9 447 969,70	—	—	1 166 744,40	—	—	—	106 375 058,60
São Francisco	3 070 945,60	1 076 914,40	—	146 223,70	—	—	—	—	—	4 294 084,00
Seattle	1 093 953,00	—	—	—	—	—	—	—	—	1 093 953,00
AMÉRICA DO SUL:										
ARGENTINA:										
Bahia Blanca	—	99 012,60	—	—	—	—	—	—	—	99 012,60
Buenos Aires	1 907 142,20	4 764 818,40	—	—	384 006,60	—	—	—	—	7 055 967,20
Rosário	144 047,40	662 396,50	—	—	—	—	—	—	—	806 443,90
GUIANA FRANC.:										
Caiena	—	—	—	—	—	—	—	—	129 768,90	129 768,90
Paragua:										
Assunção	—	119 600,00	—	—	—	—	—	—	—	119 600,00
Uruguai:										
Montevideu	175 143,10	—	—	—	—	—	—	—	—	175 143,10
EUROPA:										
BELGO-LUX., U. E.										
Antuérpia	30 140 901,50	—	—	—	—	—	—	—	—	30 140 901,50
DINAMARCA:										
Copenhague	700,00	—	—	—	—	—	—	—	—	700,00
ESPANHA:										
Barcelona	—	1 702,10	—	—	—	—	—	—	—	1 702,10
Bilbáu	—	260 144,00	—	—	—	—	—	—	—	260 144,00
GRÃ-BRETANHA:										
Liverpool	13 768 062,50	—	—	—	—	—	—	—	—	13 768 062,50
Londres	5 520 666,30	—	—	—	—	—	—	—	—	5 520 666,30
HOLANDA:										
Amsterdão	9 995 595,10	—	—	—	—	—	—	—	—	9 995 595,10
ISLANDIA										
Reykjavik	—	326 529,20	—	—	—	—	—	—	—	326 529,20
ITÁLIA:										
Via Nova Iorque	35 000,00	—	—	—	—	—	—	—	—	35 000,00
Nápolis	—	265 285,90	—	—	—	—	—	—	—	265 285,90
Noruéga:										
Oslo	13 220 102,20	—	—	—	—	—	—	—	—	13 220 102,20
SUÉCIA:										
Gotemburgo	7 024 929,10	—	—	—	—	—	—	—	—	7 024 929,10
Total	401 616 983,50	30 475 441,90	9 447 969,70	11 578 965,40	384 006,60	4 730 486,70	2 880 402,20	305 227,00	129 768,90	461 578 351,90

Exportação Brasileira de Café

VI — Detalhe do valor, em libras, pelos portos do destino, segundo os de procedência — SETEMBRO DE 1945

PORTOS DO DESTINO	PORTOS DE PROCEDÊNCIA									
	SANTOS	RIO DE JANEIRO	VITÓRIA	ANGRA DOS REIS	PARANAGUÁ	BAHIA	RECIFE	FLORIANÓPOLIS	BELÉM	TOTAL
AMÉRICA DO NORTE :										
CANADÁ :										
Montreal	58 466	—	—	—	—	—	—	—	—	58 466
Via Nova Iorque	288 428	—	—	—	—	—	—	—	—	288 428
ESTADOS UNIDOS :										
Jacksonville	222 330	—	—	—	—	—	—	—	—	222 330
Los Angeles	4 666	—	—	—	—	—	—	—	—	4 666
Norfolk	220 407	—	—	—	—	—	—	—	—	220 407
Nova Iorque	2 276 563	183 310	—	153 256	—	47 973	38 692	4 103	—	2 703 897
Nova Orleães	1 160 892	124 021	127 112	—	—	15 708	—	—	—	1 427 733
São Francisco	41 253	14 450	—	1 963	—	—	—	—	—	57 666
Seattle	14 662	—	—	—	—	—	—	—	—	14 662
AMÉRICA DO SUL :										
ARGENTINA :										
Bahia Blanca	—	1 331	—	—	—	—	—	—	—	1 331
Buenos Aires	25 647	63 403	—	—	5 206	—	—	—	—	94 256
Rosário	1 936	8 945	—	—	—	—	—	—	—	10 881
GUIANA FRANCESA :										
Caiena	—	—	—	—	—	—	—	—	1 718	1 718
PARAGUAI :										
Assunção	—	1 608	—	—	—	—	—	—	—	1 608
URUGUAI :										
Montevidéu	2 357	—	—	—	—	—	—	—	—	2 357
EUROPA :										
BELGO-LUXEMBURGUESA, U. E. :										
Antuérpia	405 233	—	—	—	—	—	—	—	—	405 233
DINAMARCA :										
Copenhague	9	—	—	—	—	—	—	—	—	9
ESPANHA :										
Barcelona	—	24	—	—	—	—	—	—	—	24
Bilbáu	—	3 486	—	—	—	—	—	—	—	3 486
GRÃ-BRETANHA :										
Liverpool	185 191	—	—	—	—	—	—	—	—	185 191
Londres	74 217	—	—	—	—	—	—	—	—	74 217
HOLANDA :										
Amsterdão	134 106	—	—	—	—	—	—	—	—	134 106
ISLÂNDIA :										
Reykjavik	—	4 389	—	—	—	—	—	—	—	4 389
ITÁLIA :										
Via Nova Iorque	470	—	—	—	—	—	—	—	—	470
Nápoles	—	3 566	—	—	—	—	—	—	—	3 566
NORUÉGA										
Oslo	177 066	—	—	—	—	—	—	—	—	177 066
SUÉCIA :										
Gotemburgo	94 399	—	—	—	—	—	—	—	—	94 399
Total	5 388 298	408 533	127 112	155 219	5 206	63 681	38 692	4 103	1 718	6 192 562

Exportação Brasileira de Café

VII — Discriminação do destino por continente, segundo a procedência

SETEMBRO DE 1945

CONTINENTES	PORTOS DE PROCEDÊNCIA	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR	
			EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
AMÉRICA DO NORTE	Santos	1 031 397	319 713 794,10	4 287 667
	Rio de Janeiro	84 259	23 975 953,20	321 781
	Vitória	48 500	9 447 969,70	127 112
	Angra dos Reis	38 000	11 578 965,40	155 219
	Bahia	18 500	4 730 486,70	63 681
	Recife	9 850	2 880 402,20	38 692
	Florianópolis	1 000	305 227,00	4 103
	Total	1 231 506	372 632 798,30	4 998 255
AMÉRICA DO SUL	Santos	6 509	2 226 332,70	29 940
	Rio de Janeiro	24 531	5 645 827,50	75 287
	Paranaguá	1 195	384 006,60	5 206
	Belém	400	129 768,90	1 718
	Total	32 635	8 385 935,70	112 151
EUROPA	Santos	243 998	79 705 956,70	1 070 691
	Rio de Janeiro	3 023	853 661,20	11 465
	Total	247 021	80 559 617,90	1 082 156
	Total geral	1 511 162	461 578 351,90	6 192 562

Exportação Brasileira de Café

VIII — Detalhe pelos países de destino

JANEIRO A SETEMBRO DE 1945

PAÍSES DO DESTINO	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR	
		EM CRUZEIROS	EM LIBRAS
AFRICA:			
Tanger	3 333	959 032,90	12 789
União Sul Africana	1 100	323 589,80	4 318
AMÉRICA DO NORTE:			
Canadá	82 373	28 765 427,70	385 747
Estados Unidos	9 188 819	2 640 470 499,90	35 456 114
AMÉRICA DO SUL:			
Argentina	321 104	78 397 455,10	1 070 950
Chile	117 336	27 634 279,50	353.502
Guiana Franccsa	700	205 817,40	2 741
Paraguai	5 350	1 284 596,20	16 964
Peru	30	4 500,00	57
Uruguai	34 840	7 976 487,00	107 545
EUROPA:			
Belgo-Luxemburgueza, U. E.	208 500	66 084 967,00	888 814
Dinamarca	7	2 095,00	27
Espanha	1 210	340 435,60	4 571
França	2	587,10	7
Grã-Bretanha	179 250	55 051 145,90	740.128
Grécia	16 000	4 176 000,00	56 134
Holanda	31 250	9 995 595,10	134 106
Islândia	15 450	4 495 376,70	60 676
Itália	1 144	311 092,80	4 180
Noruéga	91 162	27 922 708,80	373 502
Suécia	238 304	80 335 308,40	1 078 070
Suiça	29 327	10 137 955,20	135 704
Tchecoslováquia	20	5 871,20	78
NÃO ESPECIFICADO:			
Consumo de bordo	5	1 386,50	18
Total	**10 566 616**	**3 044 882 190,80**	**40 886 742**

Exportação Brasileira de Café

IX — Detalhe pelos portos de origem

JANEIRO A SETEMBRO DE 1945

PAISES DO DESTINO	PÔRTOS DE PROCEDÊNCIA	QUANTIDADE (SACAS DE 60 QUILOS	VALOR EM CRUZEIROS	VALOR EM LIBRAS
ÁFRICA:				
Tânger	Santos	3 333	959 032,90	12 789
União Sul Africana	Rio de Janeiro	1 100	323 589,80	4 318
AMÉRICA DO NORTE:				
Canadá	Santos	81 823	28 599 553,20	383 522
	Rio de Janeiro	550	165 874,50	2 225
Estados Unidos	Santos	6 612 111	1 984 426 708,00	26 581 287
	Rio de Janeiro	1 413 044	405 281 691,10	5 502 256
	Vitória	806 025	150 656 227,10	2 026 159
	Angrados Reis	61 616	18 596 111,60	249 569
	Paranaguá	29 579	9 053 678,50	121 590
	Bahia	113 896	28 559 539,70	384 521
	Recife	150 565	43 291 278,90	582 596
	Florianópolis	1 983	605 265,00	8 136
AMÉRICA DO SUL:				
Argentina	Santos	63 642	20 463 506,90	274 705
	Rio de Janeiro	228 595	50 277 504,40	692 794
	Vitória	12 337	2 805 096,50	37 658
	Paranaguá	14 535	4 349 993,00	59 032
	Bahia	1 995	501 354,30	6 761
Chile	Santos	4 525	1 485 830,20	19 580
	Rio de Janeiro	112 811	26 148 449,30	333 922
Guiana Francesa	Belém	700	205 817,40	2 741
Paraguai	Rio de Janeiro	5 350	1 284 596,20	16 964
Peru	Belém	30	4 500,00	57
Uruguai	Santos	3 940	1 304 623,30	17 558
	Rio de Janeiro	30 900	6 671-863,70	89 987
EUROPA:				
Belgo-Luxemburguesa, U. E.	Santos	208 500	66 084 967,00	888 814
Dinamarca	Santos	2	700,00	9
	Rio de Janeiro	5	1 395,00	18
Espanha	Rio de Janeiro	1 210	340 435,60	4 571
França	Rio de Janeiro	2	587,10	7
Grã-Bretanha	Santos	179 250	55 051 145,90	740 128
Grécia	Santos	16 000	4 176 000,00	56 134
Holanda	Santos	31 250	9 995 595,10	134 106
Islândia	Rio de Janeiro	15 450	4 495 376,70	60 676
Itália	Santos	100	35 000,00	470
	Rio de Janeiro	1 044	276 092,80	3 710
Noruega	Santos	91 162	27 922 708,80	373 502
Suécia	Santos	238 299	80 333 913,40	1 078 052
	Rio de Janeiro	5	1 395,00	18
Suiça	Santos	22 023	7 767 678,90	103 917
	Rio de Janeiro	6 156	2 092 804,90	28 028
	Bahia	1 168	277 451,40	3 729
Tchecoslováquia	Rio de Janeiro	20	5 871,20	78
NÃO ESPECIFICADO:				
Consumo de bordo	Santos	2	599,90	8
	Rio de Janeiro	3	786,60	10
Total		10 566 616	3 044 882 190,80	40 836 742

Exportação Brasileira de Café

X — Discriminação do destino por continente, segundo a procedência

JANEIRO A SETEMBRO DE 1945

CONTINENTES	PORTOS DE PROCEDÊNCIA	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	VALOR EM LIBRAS
ÁFRICA	Santos	3 333	959 032,90	12 789
	Rio de Janeiro	1 100	323 589,80	4 318
	Total	**4 433**	**1 282 622,70**	**17 107**
AMÉRICA DO NORTE	Santos	6 693 934	2 013 026 261,20	26 964 809
	Rio de Janeiro	1 413 594	405 447 565,60	5 504 481
	Vitória	806 025	150 656 227,10	2 026 159
	Angra dos Reis	61 616	18 596 111,60	249 569
	Paranaguá	29 579	9 053 678,50	121 590
	Bahia	113 896	28 559 539,70	384 521
	Recife	150 565	43 291 278,90	582 596
	Florianópolis	1 983	605 265,00	8 136
	Total	**9 271 192**	**2 669 235 927,60**	**35 841 861**
AMÉRICA DO SUL	Santos	72 107	23 253 960,40	311 843
	Rio de Janeiro	277 656	84 382 413,60	1 133 667
	Vitória	12 337	2 805 096,50	37 658
	Paranaguá	14 535	4 349 993,00	59 032
	Bahia	1 995	501 354,30	6 761
	Belém	730	210 317,40	2 798
	Total	**479 360**	**115 503 135,20**	**1 551 759**
EUROPA	Santos	786 586	251 367 709,10	3 375 162
	Rio de Janeiro	23 872	7 213 958.30	97 106
	Bahia	1 168	277 451,40	3 729
	Total	**811 626**	**258 859 118,80**	**3 475 997**
NÃO ESPECIFICADO	Santos	2	599,90	8
	Rio de Janeiro	3	786,60	10
	Total	**5**	**1 386,50**	**18**
Destinos Reunidos	Santos	7 555 962	2 288 607 563,50	30 664 611
	Rio de Janeiro	1 816 225	497 368 313,90	6 739 582
	Vitória	818 362	153 461 323,60	2 063 817
	Angra dos Reis	61 616	18 596 111,60	249 569
	Paranaguá	44 114	13 403 671,50	180 622
	Bahia	117 059	29 338 345,40	395 011
	Recife	150 565	43 291 278,90	582 596
	Florianópolis	1 983	605 265,00	8 136
	Belém	730	210 317,40	2 798
	Total geral	**10 566 616**	**3 044 882 190,80**	**40 886 742**

Exportação Brasileira de Café

XI — Janeiro a Setembro de 1945 em comparação com 1944

1. — DETALHE MENSAL

MESES	1944		1945		DIFERENÇA (para + ou —)	
	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS
Janeiro	1 293 662	360 789 934,40	1 107 576	317 958 233,30	— 186 086	— 42 831 701,10
Fevereiro	901 969	258 867 569,10	918 060	245 055 318,80	+ 16 091	— 13 812 250,30
Março	941 201	266 862 148,20	937 571	259 903 512,10	— 3 630	— 6 958 636,10
Abril	1 566 487	459 254 618,60	843 587	232 685 415,90	— 722 900	— 226 569 202,70
Maio	1 205 881	344 518 068,70	594 172	170 151 681,00	— 611 709	— 174 366 387,70
Junho	789 433	220 218 168,10	1 415 252	403 048 904,90	+ 625 819	+ 182 830 736,80
Julho	759 093	218 348 558,00	1 638 967	481 142 901,40	+ 879 874	+ 262 794 346,40
Agôsto	1 160 157	331 522 260,60	1 600 269	473 357 868,50	+ 440 112	+ 141 835 607,90
Setembro	1 069 036	309 646 514,10	1 511 162	461 578 351,90	+ 442 126	+ 151 931 837,80
Nove meses	**9 686 919**	**2 770 027 839,80**	**10 566 616**	**3 044 882 190,80**	**+ 879 697**	**+ 274 854 351,00**
Outubro	1 132 141	323 295 712,50	—	—	—	—
Novembro	1 159 064	325 489 388,00	—	—	—	—
Dezembro	1 579 998	461 192 970,90	—	—	—	—
Ano	**13 558 122**	**3 880 005 911,20**	—	—	—	—

2. — PORTOS DE PROCEDÊNCIA

PORTOS DE PROCEDÊNCIA	1944		1945		DIFERENÇA (para + ou —)	
	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS	QUANTIDADE (saca de 60 quilos)	VALOR EM CRUZEIROS
Santos	7 799 004	2 313 153 174,20	7 555 962	2 288 607 563,50	— 243 042	— 24 545 610,70
Rio de Janeiro	1 397 559	340 876 335,90	1 816 225	497 368 313,90	+ 418 666	+ 156 491 978,00
Vitória	167 918	30 284 781,70	818 362	153 461 323,60	+ 650 444	+ 123 176 541,90
Angra dos Reis	104 688	30 032 597,30	61 616	18 596 111,60	— 43 072	— 11 436 485,70
Paranaguá	127 098	33 700 416,10	44 114	13 403 671,50	— 82 984	— 20 296 744,60
Bahia	36 195	8 137 730,90	117 059	29 338 345,40	+ 80 864	+ 21 200 614,50
Recife	50 631	12 951 669,20	150 565	43 291 278,90	+ 99 934	+ 30 339 609,70
Florianópolis	—	—	1 983	605 265,00	+ 1 983	+ 605 265,00
Belém	3 166	742 937,10	730	210 317,40	— 2 436	— 532 619,70
Manáus	660	148 197,40	—	—	— 660	— 148 197,40
Total	**9 686 919**	**2 770 027 839,80**	**10 566 616**	**3 044 882 190,80**	**+ 879 697**	**+ 274 854 351,00**

Cotação dos cafés brasileiros no disponível

OUTUBRO DE 1945

DIA	MERCADOS						
	SANTOS	RIO	VITÓRIA	NOVA YORK EM CENTS. POR LIBRA = 453,6			
	TIPO 4 (mole)	EM CRUZEIROS		SANTOS		RIO	
		Tipo 7	Tipo 7	Tipo 4	Tipo 7	Tipo 6	Tipo 7
1	Nominal	37,00	30,60	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
2	"	37,00	30,00	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
3	"	37,00	30,60	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
4	"	37,20	30,60	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
5	"	37,20	30,60	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
6	"	37,20	30,60	—	—	—	—
8	"	37,20	30,40	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
9	"	37,20	30,70	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
10	"	37,20	30,70	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
11	"	37,50	31,00	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
12	"	37,80	31,10	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
13	"	38,50	31,30	—	—	—	—
15	"	39,00	31,70	13 37 5	12 62 5	9 60	9 37 5
16	"	39,00	31,70	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
17	"	38,70	31,70	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
18	"	38,50	31,20	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
19	"	38,50	31,20	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
20	"	38,00	31,70	—	—	—	—
22	"	37,80	31,70	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
23	"	37,80	31,50	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
24	"	38,20	31,80	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
25	"	38,70	31,80	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
26	"	39,20	32,00	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
27	"	39,70	32,30	—	—	—	—
29	"	39,70	32,80	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
30	"	39,70	32,30	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
31	"	39,90	33,30	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
Média	—	39,16	31,36	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
MÁDIA — 1945 :							
Janeiro	Nominal	30,57	27,86	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
Fevereiro	"	32,67	29,18	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
Março	"	31,45	28,30	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
Abril	"	30,15	27,70	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
Maio	"	—	26,87	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
Junho	"	30,51	27,50	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
Julho	"	32,00	27,57	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
Agôsto	"	33,51	29,54	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
Setembro	"	35,57	29,51	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
MÉDIA :							
Outubro — 1944	Nominal	31,50	28,36	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
" — 1943	"	26,43	22,96	13 37 5	12 62 5	9 50	9 37 5
" — 1942	"	27,43	26,09	13 37 5	—	—	9 37 5
" — 1941	42,24	28,79	23,25	13 25 0	12 75 0	9 00	9 00 0

NOTA : — SANTOS — Rio e Vitória — Bolsas Oficiais fechadas ;
SANTOS — Cotação nominal segundo a Associação Comercial de Santos ;
RIO — Cotações fornecidas pelo Centro do Comércio de Café do Rio ;
Vitória — Cotações fornecidas pela Agência Panameuro.

Cotação do Disponível em Nova York

CAFÉS ESTRANGEIROS

OUTUBRO DE 1945

Cif. Cents. por Libra = 453,6 grs.

PROCEDÊNCIA	DIA	
	DE 1 A 31	MÉDIA
COLÔMBIA :		
Medellin Excelso	16 1/4	16 1/4
Armênia	16 1/16	16 1/16
Manizales	15 7/8	15 7/8
Cucuta	15 5/8	15 5/8
Bogotá	15 5/8	15 5/8
Girardot	15 5/8	15 5/8
Tolima	15 5/8	15 5/8
Ocana	15 1/4	15 1/4
COSTA RICA :		
Prime	16 00	16 00
Fine Atlantic	15 1/2	15 1/2
CUBA :		
Bom lavado	14 1/4	14 1/4
EQUADOR :		
Lavado	13 1/4	13 1/4
GUATEMALA :		
Antigua	16 3/4	16 3/4
Extra Prime	15 3/4	15 3/4
Maragogipe	15 1/2	15 1/2
Bom Lavado	14 1/2	14 1/2
Bourbon	14 1/8	14 1/8
HAITI :		
Bom Lavado "Sweet"	13 3/4	13 3/4
MÉXICO :		
Coatepec	16 1/2	16 1/2
Tapachula	15 1/2	15 1/2
Maragogipe	15 1/2	15 1/2
NICARÁGUA :		
Bom Lavado	14 1/2	14 1/2
SALVADOR :		
Prime Lavado	15 3/4	15 3/4
REPÚBLICA DOMINICANA :		
Bom Lavado "Sweet"	13 3/4	13 3/4
Natural "Sweet"	11 1/4	11 1/4
SURINAM	7 3/4	7 3/4
TRINIDAD	14 1/2	14 1/2

COTAÇÃO DO DISPONÍVEL EM NOVA YORK

CAFÉS ESTRANGEIROS

QUTUBRO DE 1945

Cif. Cents. por Libra = 453,6 grs.

PROCEDÊNCIA	DIA	
	DE 1 A 31	MÉDIA
VENEZUELA :		
Maracaibo Lavado Fino	15 5/8	15 5/8
Tachira Lavado Fino	15 5/8	15 5/8
Tachira Lavado Bom	15 1/8	15 1/8
Tachira Lavado Ordinário	14 5/8	14 5/8
ÁFRICA PORTUGUESA DO OESTE : :		
Amboim	11 1/4	11 1/4
Encoge	11 00	11 00
ÍNDIAS HOLANDESAS DO OESTE :		
Java Genuino Lavado	19 1/2	19 1/2
Mandheling	25 00	25 00
Java Robusta Lavado	11 1/4	11 1/4
Natural Java Robusta	10 1/2	10 1/2
MOCA (ARÁBIA) :		
Moca	18 1/2	18 1/2
ABISSÍNIA :		
Long Berry Harrar	17 00	17 00
CONGO BELGA :		
Lavado Robusta	12 1/2	12 1/2
Natural Robusta	11 1/4	11 1/4
HAVAI :		
N.º 1 Extra Prime	16 1/2	16 1/2
HONDURAS :		
Bom Lavado	15 00	15 00
JAMÁICA :		
Lavado	14 1/2	14 1/2
Natural A	11 1/2	11 1/2

Câmbio em Nova York sôbre diversas praças

OUTUBRO DE 1945

DIA	LONDRES Dólar por £	MADRID Cents. por peseta (comercial)	ZURICH Cents. por Franco (comercial)	RIO DE JANEIRO Cents. por Cr $	B. AIRES Cents. por Pêso	LISBOA Cents. por Escudo	CANADÁ Cents. por Dolar	STOCKOLMO Cents. por Corôa
1 e 2	4 02 62	9 [illegible]	[illegible]	[illegible]	24 97 00	4 07 00	90 00 00	23 85 00
3	4 02 87	9 [illegible]	[illegible]	[illegible]	24 90 00	4 07 00	90 12 00	23 85 00
4 a 8	4 03 37	9 [illegible]	[illegible]	[illegible]	24 90 00	4 07 00	90 12 00	23 85 00
9 a 13	4 03 37	9 [illegible]	[illegible]	[illegible]	24 90 00	4 07 00	90 12 00	23 85 00
15 a 18	4 03 37	9 [illegible]	[illegible]	[illegible]	24 90 00	4 07 00	90 50 00	23 85 00
19 a 22	4 03 37	9 [illegible]	[illegible]	[illegible]	24 90 00	4 07 00	90 62 00	23 85 00
23 a 31	4 03 37	9 [illegible]	[illegible]	[illegible]	24 90 00	4 07 00	90 75 00	23 85 00
Média	4 03 29	9 [illegible]	[illegible]	[illegible]	24 90 54	4 07 00	90 42 08	23 85 00

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

OUTUBRO DE 1945

MERCADO OFICIAL — VENDA À VISTA

DIA	LONDRES Libra	NOVA YORK Dolar	SUÍÇA Franco	PORTUGAL Escudo	URUGUAI Peso	SUÉCIA Corôa
1 a 31	n/c	n/c	n/c	n/c	n/c	n/c

MERCADO OFICIAL — COMPRA À VISTA

DIA	LONDRES Libra	NOVA YORK Dolar	SUÍÇA Franco	PORTUGAL Escudo	URUGUAI Peso	SUÉCIA Corôa
1 a 31	66,49 1/2	16 50 00	3 84 7/8	0 67 1/8	9 14 3/16	3 93 3/4
Média	**66,49 1/2**	**16 50 00**	**3 84 7/8**	**0 67 1/8**	**9 14 3/16**	**3 93 3/4**

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças

OUTUBRO DE 1945

MERCADO LIVRE — VENDA À VISTA

DIA	LONDRES Libra	NOVA-YORK Dolar	SUÍÇA Franco	PORTUGAL Escudo	ARGENTINA Pêso	URUGUAI Pêso	CHILE Pêso	SUÉCIA Corôa
1 a 31	78 90 1/16	19 50 00	4 65 00	0 79 5/16	4 91 3/16	11,04 7/8	0 62 15/16	4 72 00
Média	**78 90 1/16**	**19 50 00**	**4 65 00**	**0 79 5/16**	**4 91 3/16**	**11,04 7/8**	**0 62 15/16**	**4 72 00**

MERCADO LIVRE — COMPRA À VISTA

DIAS	LONDRES Libra	NOVA-YORK Dolar	SUÍÇA Franco	PORTUGAL Escudo	ARGENTINA Pêso	URUGUAI Pêso	CHILE Pêso	SUÉCIA Corôa
1	77,77 15/16	19,30 00	4,48 3/4	0,78 5/16	4,78 5/16	10,69 5/8	0,59 9/16	4,59 7/8
2	77,77 15/16	19,30 00	4,48 3/4	0,78 5/16	4,78 00	10,60 5/8	0,59 9/16	4,59 7/8
3 a 6	77,77 15/16	19,30 00	4,48 3/4	0,78 5/16	4,78 5/16	10,60 5/8	0,59 9/16	4,59 7/8
8 e 9	77,77 15/16	19,30 00	4,48 3/4	0,78 5/16	4,78 00	10,60 5/8	0,59 9/16	4,59 7/8
10	77,77 15/16	19,30 00	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 11/16	10,60 5/8	0,59 9/16	4,59 7/8
11	77,77 15/16	19,30 00	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 3/8	10,60 5/8	0,59 9/16	4,59 7/8
12 e 13	77,77 15/16	19,30 00	4,48 3/4	0,78 5/16	4,76 1/2	10,60 5/8	0,59 9/16	4,59 7/8
15 e 16	77,77 15/16	19,30 00	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 3/8	10,60 5/8	0,59 9/16	4,59 7/8
17	77,77 15/16	19,30 00	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 1/8	10,60 5/8	0,59 9/16	4,59 7/8
18 e 19	77,77 15/16	19,30 00	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 3/8	10,60 5/8	0,59 9/16	4,59 7/8
20	77,77 15/16	19,30 00	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 11/16	10,60 5/8	0,59 9/16	4,59 7/8
22	77,77 15/16	19,30 00	4,48 3/4	0,78 5/16	4,78 00	10,60 5/8	0,59 9/16	4,59 7/8
23	77,77 15/16	19,30 00	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 11/16	10,60 5/8	0,59 9/16	4,59 7/8
24 e 25	77,77 15/16	19,30 00	4,48 3/4	0,78 5/16	4,78 00	10,60 5/8	0,59 9/16	4,59 7/8
26	77,77 15/16	19,30 00	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 11/16	10,60 5/8	0,59 9/16	4,59 7/8
29 e 30	77,77 15/16	19,30 00	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 3/8	10,60 5/8	0,59 9/16	4,59 7/8
31	77,77 15/16	19,30 00	4,48 3/4	0,78 5/16	4,77 1/8	10,60 5/8	0,59 9/16	4,59 7/8
Média	**77,77 15/16**	**19,30 00**	**4,48 3/4**	**0,78 5/16**	**4,77 11/16**	**10,60 5/8**	**0,59 9/16**	**4,59 7/8**

Índice da Matéria

COLABORAÇÃO: PÁG.

Retrospecto mensal do mercado de café em Santos — Outubro de 1945 . . . . . 1.078

Culturas subsidiárias na Fazenda de café — A cultura da mamoneira — Pedro Teixeira Mendes 1.081

O café visto dos Estados Unidos — J. C. Mello 1.090

Relatório de uma viagem de estudos sôbre a lavoura cafeeira nos Estados do Rio de Janeiro e Espírito Santo — J. E. T. Mendes, C. A. Krug e J. Bergamin . . . 1.091

ESTATÍSTICAS:

Movimento da Safra 1942/43 (até 31 de Outubro de 1945) 1.106

Movimento da Safra 1943/44 (até 31 de Outubro de 1945) 1.107

Movimento da Safra 1944/45 (até 31 de Outubro de 1945) 1.108

Movimento da Safra 1945/46 (até 31 de outubro de 1945) 1.109

Café Paulista entrado em Santos — I — Safra por Estrada de Procedência (Outubro de 1945) 1.110

Café Paulista (preferencial) entrado em Santos — II — Mês de Despacho por Estrada de Procedência (Outubro de 1945) 1.111

Café Mineiro, Goiano e Paranaense entrado em Santos — III — Safra por Estrada de Procedência (Outubro de 1945) 1.112

Resumo do café entrado em Santos — IV — Safra por Estado de Procedência — (Outubro de 1945) 1.112

Café Paulista entrado no Rio de Janeiro — I — Safra por Estrada de Procedência — (Outubro de 1945) 1.113

Resumo do café entrado no Rio de Janeiro — II — Por Estado de Procedência — (Outubro de 1945) 1.113

Café Paulista recebido a despacho com destino a Santos e ao Rio de Janeiro — Safra 1945/46 . . . . . Apenso

Movimento de Café em Santos — Safra 1945/46 . . . . . Apenso

Café Disponivel nos portos de exportação do Brasil — Janeiro a Outubro de 1945 . . 1.114

Exportação Brasileira de Café — Janeiro a Outubro de 1945 . . . . . 1.115

Exportação Brasileira de Café — I — Paises de destino — Setembro de 1945 . . . 1.116

Exportação Brasileira de Café — II — Portos de destino — Setembro de 1945 . . . 1.117

Exportação Brasileira de Café — III — Detalhe pelos portos de procedência — Setembro de 1945 . . . . . 1.118

Exportação Brasileira de Café — IV — Detalhe do volume pelos portos de destino, segundo os de procedência — Setembro de 1945 . . . . . 1.119

Exportação Brasileira de Café — V — Detalhe do valor, em cruzeiros, pelos portos de destino, segundo os de procedência — Setembro de 1945 . . . . . 1.120

Exportação Brasileira de Café — VI — Detalhe do valor, em libras, pelos portos de destino, segundo os de procedência — Setembro de 1945 . . . . . 1.121

Exportação Brasileira de Café — VII — Discriminação do destino, segundo a procedência — Setembro de 1945 . . . . . 1.122

Exportação Brasileira de Café — VIII — Detalhes pelos países de destino — Janeiro a Setembro de 1945 . . . . . 1.123

Exportação Brasileira de Café — IX — Detalhe pelos portos de destino — Janeiro a Setembro de 1945 . . . . . 1.124

Exportação Brasileira de Café — X — Discriminação do destino por continente, segundo a procedência — Janeiro a Setembro de 1945 . . . . . 1.125

Exportação Brasileira de Café — XI — Janeiro a Setembro de 1945 em comparação com 1944 . . . . . 1.126

Cotação dos cafés brasileiros no disponivel — Outubro de 1945 . . . . . 1.127

Cotação do disponivel em Nova York — Cafés Estrangeiros — Outubro de 1945 . . 1.128

Câmbio em Nova York sôbre diversas praças — Outubro de 1945 . . . . . 1.129

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Mercado Oficial — Outubro de 1945 1.130

Câmbio no Rio de Janeiro sôbre diversas praças — Mercado Livre — Outubro de 1945 1.130

Balancete Financeiro em 31/10/46 do Instituto de Café do Estado de S. Paulo . . . Apenso

SECRETARIA DA FAZENDA

SUPERINTENDÊNCIA DOS SERVIÇOS DO CAFÉ

Balancete Financeiro em 31 de Outubro de 1945 do Instituto de Café do Estado de São Paulo

RECEITA

		Cr $	Cr $
RECEITA ORÇAMENTÁRIA			
Ordinária			
Tributária	7 365 051,20		
Patrimonial	9 986 543,60	17 351 594,80	
Extraordinária			
Diversos		1 126 376,40	18 477 971,20
RECEITA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Depósitos		31 881,10	
Diversos		545 205,70	577 086,80
A DEDUZIR :			
			19 055 058,00
Contas do Exercício a Receber			3 282,00
			19 051 776,00
Saldo do Exercicio Anterior			
Em Caixa		54 032,50	
Em Bancos		213 398 527,20	
Diversos		153 002,70	213 605 562,40
			232 657 338,40

DESPESA

		Cr $	Cr $
DESPESA ORÇAMENTÁRIA			
Serviço da Dívida Externa	21 287 511,00		
Encargos Diversos	34 668 386,60		
Administração	4 689 430,40	60 645 328,00	
Créditos Especiais			
Encargos Diversos	107 182 386,90		
Diversos	162 581,90	107 344 968,80	167 990 296,80
DESPESA EXTRAORÇAMENTÁRIA			
Restos a Pagar — 1943		509 412,20	
Restos a Pagar — 1944		562 476,90	
Depósitos		7 805,00	
Diversos		2 946 809,40	4 026 503,50
			172 016 800,30
Contas do Exercício a Pagar			168 127,80
			171 848 672,30
Saldos para o mês seguinte			
Em Caixa		68 532,20	
Em Bancos		60 516 017,50	
Diversos		224 116,20	60 808 665,90
			232 657 338,20

Departamento de Contabilidade, 12 de dezembro de 1945

Waldemar Camargo de Abreu
Chefe do Departamento, substituto

Visto
Francisco Godoy Sobrinho
Gerente

(Continuação da 2.ª pag. da capa)

O crescimento da árvore é mais ou menos lento, como sóe acontecer com tôdas as madeiras compactas e úteis, todavia é maior e mais compensador do que o do "Pau Brasil", da "Caviuna", "Jacarandá" e outras.

Elas podem ser plantadas bastante juntas, porque os ramos são bastante verticais e as fôlhas relativamente pequenas e espaçadas de modo que permitem a entrada dos raios solares e boa ventilação.

O óleo bem como o decoto das cascas têm aplicações na terapêutica indígena. O primeiro é usado contra reumatismo e gota, o segundo como peitoral e emoliente.

Há autores que confundem a "Cabreúva" com o "Bálsamo" (Toluifera balsamum, L. e Tol. peruifera, Baill.) que se distingue pelos frutos mais alados na parte inferior e semente terminal em ponto espessado e provido de pequeno rostro. A madeira do "Bálsamo" equivale e se presta para todos os misteres para que é empregada a "Cabreúva", mas êle é mais raro nesta parte do Brasil, e muito comum no Peru até aos confins de Mato Grosso e Goiaz.

Para o nosso Estado, especialmente à zona sêca, a "Cabreúva" como o "Balsamo", bem como a "Copahybeira" (copaifera Langsdorffii Desf.) poderão ser plantadas juntas. Tôdas elas fornecem madeiras ricas de óleo e de valor mais ou menos equivalente, embora diversas na textura e colorido bem como no desenho.

Das duas primeiras os legumes não se abrem quando maduros, mas são disseminados inteiros e as sementes germinam através das cascas. Por isso não se deve extraí-las para formar os viveiros, mas plantá-las com as cascas, enterrando-as ligeiramente e dando-lhes suficiente umidade e algum abrigo nas primeiras semanas. A "Copahybeira" solta as sementes quando as cápsulas estão maduras e deve, portanto, ser plantada de sementes descascadas.

A "Cabreúva" como o "Bálsamo" são madeiras de côres fixas que se prestam admiravelmente bem para obras envernizadas. Elas também se não contráem muito e nunca fendem quando bem sêcas.

Formemos, pois, bosques dessa magnífica essência florestal, geralmente tida como uma das melhores madeiras do país. Ainda que não alcancemos os seus rendimentos, plantemo-las com altruismo, servindo aos pósteros e à Pátria.

"PLANTAR boas árvores é uma das formas, mais expressivas, de servir à Pátria e à Humanidade."

"O "ARARIBÁ" fornece madeira de primeira qualidade, e seu crescimento é relativamente rápido".

"REFLORESTANDO, restabeleceremos, nas zonas devastadas, condições propícias à marcha regular da AGRICULTURA".

CAFÉ
SANTOS